O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. C. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 1 DE MAIO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:463

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — A outhorga da Carta.—Escandalo monumental.—Carta Constitucional.—Partido progressista.—Não, mil vezes não.—A dictadura dos bandidos.—Assumptos de Ovar.—Assumptos da Batalha.—Carta de Lisboa.—O vinho.—Tributo de saudade.—Centenario de Santo Antonio.—Carta de Coimbra.—Noticias diversas.—Folhetim: Magdalena. — Pelo estrangeiro. — Communicados. — Secção agricola.—Secção litteraria.—Noticiario.—Carta de Lisboa.—Carta de Coimbra.—Noticias do estrangeiro.

AVEIRO

A outhorga da Carta

Ante-hontem, 29 d'abril, foi o 69.° anniversario da Carta. Annunciou-se na folha official, que nos paços da realeza haveria recepção dos dignitarios e alto funccionalismo. E n'aquelle dia não faltaram os servidores da monarchia, os que a apoiam nas suas novas tendencias liberticidas, ou os dependentes pela posição que occupam nas differentes hierarchias do annulado regimen, a prestar os seus cumprimentos ao augusto chefe do estado, comemorando assim uma data gloriosa, que para o povo portuguez devia ser um penhor, uma garantia da alliança sincera da coroa com a democracia.

Mas o que se passou não teve o caracter de festa para o partido liberal monarchico. Adoptaram-se apenas as exterioridades d'uma cousa que devia ser seria e impor-se pela continencia dos costumes. As ficções constitucionaes chegaram só até aos cumprimentos d'officio. Embandeiraram em arco os navios de guerra surtos no Tejo. Arvorararam o pavilhão nacional os edificios publicos. Deram-se as salvas da ordenança, e fizeram o serviço de grande uniforme as forças da guarnição. Mas fóra isto, a Carta, a pobre Carta não existia senão como invocação irrisoria dos iconoclastas da liberdade. Ella ahi está suspensa ou revogada na maiorparte das suas diposições.

Ao receber os cumprimentos do mundo official, el-rei tinha de ouvir a mensagem da camara municipal de Lisboa, a qual se lhe devia dirigir nos seguintes termos:

«Senhor! Já lá vão os tempos em que a vereação da capital se dirigia á corôa, congratulando-se pelas conquistas moraes e politicas emprehendidas e levadas a cabo á sombra da nitida execução da Carta, outhorgada á nação portugueza pelo immortal duque de Bragança, D. Pedro IV de nome. Quando aqui reuniam os edis da boa cidade era para felicitarem a corôa constitucional, que identificada com o povo, a todos facultava o exercicio dos seus direitos, tendo como fiador a liberdade legal, que não é a licensa que se permittem conselheiros descaroaveis, nem a que faz as delicias da demagogia desordenada. Bons tempos eram esses, Senhor, em que os municipios tinham independencia e geriam sem peias mas com responsabilidade os seus pelouros, em vez de serem transformados, como determinou o diploma de 2 de março ultimo, em chancella desprezivel do poder executivo!

D'antes, Senhor, a suprema magistratura preoccupava-se muito do que interessava ao povo, e não raro fazia com elle causa commum para rebater as pretenções para arcar com as demasias dos senhores feudaes, representados então pela nobreza e pelo alto clero. Succedia isso nos tempos barbaros do absolutismo, quando a civilisação não tinha ainda irradiado n'este bello paiz, projectando por toda a parte a luz e o movimento. Agora porém a reacção pretende fazer recuar o velho Portugal até 1827, e em vez de leis feitas pelo parlamento, como prescreve a Carta, cuja outhorga vimos hoje aqui festejar, temos ordenanças reaes, como recordação de reinados que a historia condemnou e que não volvem a reproduzir-se, porque acima da vontade dos homens está a justiça de Deus.

Senhor: Para poupar á nação novos dias de sangue e luctо, tirando ao povo a ideia de resistencia legal ao arbitrio, que infelizmente nos nossos dias nem sequer se impõe pela moralidade, como se acaba de evidenciar pelo escandalo enorme do Nyassa, em que figuram com bem triste celebridade alguns nepotes da situação, a camara municipal de Lisboa lembra a V. M. a conveniencia de haver por bem aconselhar os seus ministros a regressar ao systema legal, a suspender portanto a execução das suas ordenanças, em uma das quaes se preceitua que sem a sua auctorisação não serão processados os seus delegados de confiança politica. O restabelecimento d'esta immunidade e a carta de corso passada a alguns heroes, que, segundo o Codigo Penal, em vez de agentes da auctoridade, deviam figurar no registro criminal do paiz.»

Não sabemos a resposta que no paço d'Ajuda teria a mensagem, se fosse redigida pelo modêlo que hoje publicamos. Fiel e verdadeira, nos seus traços geraes, seria louvada por o paiz, que aplaudiria a hombridade, a independencia dos edis da boa cidade de Lisboa que, com ser a primeira pela sua população, pelo valor dos seus edificios e pela belleza da sua posição topographica, é egualmente a mais somenos quanto a actos de valentia e civismo. E' provavel que a camara municipal se limitasse aos estafados cumprimentos do estylo, e que el-rei désse como resposta os logares communs, com que agradece em publico os cumprimentos officiaes.

E para esta comedia ensaiada por conhecidos personagens não valia a pena gastar polvora em salvas, nem encommodar dignitarios, nem funccionalismo, nem obrigar a força da guarnição a uzar dos distinctivos de gala. Ao menos forravamos-nos á vergonha de se celebrar officialmente o anniversario da Carta, cuja revogação a coroa consentiu ou auctorisou, e não se lembraria ao povo que ás exterioridades apparatosas de respeito pelo pacto fundamental, corresponde o desprezo completo por muitas das suas mais importantes e mais augustas disposições.

Escandalo monumental

Na companhia do Nyassa deu-se um caso gravissimo. Ha um contracto feito em Paris e outro identico feito posteriormente em Lisboa, e da mesma importancia. Em tudo isto apparece n'uma situação desgraçada o sr. conselheiro Arroyo, braço direito do ministerio, executor d'alta justiça na camara encerrada em 18 de novembro, orago de nichos varios, e preconisado candidato official á vaga que existe no supremo tribunal administrativo.

Correm sobre a questão diversos opusculos, que deixam o sr. Arroyo em lastimosa situação. De tudo se deu parte officialmente ao sr. procurador geral da coroa, e o mais notavel é ter havido conferencias no gabinete do sr. presidente do conselho, entre os srs. Hintze Ribeiro, João Arroyo e... Sequeira Pinto, procurador geral da coroa! Isto parecerá assombroso, mas é verdadeiro. O accusado d'um crime de burla, em *tête-a-tête* com o juiz que ha de julgal-o!... Depois da crapula, a ostentação ruidosa, para edificação das gentes que assistem a este escalavro da moralidade e da lei.

Como possa cohonestar-se tamanho escandalo, é que ainda não está assente. N'isso trabalham os Bartholos ministeriaes. Que surpreza nos reservam os fados, é que não o sabem ainda os deuses. Mas se fosse um desconhecido, os reus que figuram em tal processo estariam já a braços com o juiz da instrucção, a fim de darem contas estreitas á justiça.

Por em quanto o sr. procurador geral da corôa celebra conventiculos com o interessado na presença do sr. presidente do conselho. Do accordo dos tres é que resultará procedimento ulterior. Mas o publico vae já pronunciando o seu veredicto, embora os altos poderes do estado tratem de lançar sobre o caso jorros d'agua benta.

Continuaremos, porque a questão annuncia-se curiosa, instructiva, e sobre tudo demasiado edificante. A imprensa da capital já hoje trata o assumpto, que é capital e parece destinado a provocar imprevista derrocada.

Carta Constitucional

Os homens que, do poder, fizeram lei d'este paiz a pena de morte que os liberaes haviam riscado dos nossos codigos de justiça, e que affrontaram a Liberdade escarnecendo a lei; os homens que, do poder, cuspiram os mais crueis insultos á constituição e accordaram hontem, nos festins da orgia, em riscar dos regulamentos da publica administração a carta constitucional; romperam hoje, nos mesmos festins palacianos, em excessos de festa á memoravel data d'esse grande acontecimento nacional!

Como suprema injuria á patria heroeca do rei soldado, elles mandaram içar nos mastareus dos navios de guerra portuguezes o pavilhão das quinas, os fortes salvaram ao som festivo do hymno nacional e a guarnição vestiu de gala, quando o paiz inteiro commemorava com lucto o triste fim d'esse ensanguentado farrapo, farrapo que elles fizeram da constituição!

Nunca o insulto foi tão longe! Nunca o vexame foi tão grande! Elles, os despotas do mando, elles os assassinos da Liberdade, commemorando em festa o maior dia da nossa historia! Triste irrisão da sorte e do destino!

*

Eis como o povo responde, pela voz eloquente dos que o talento distingue das vulgariedades que o affrontam, ao repto da ignominia. Canta-lhe o hymno da Liberdade, e prepara-se para a lucta, que ha de por fim trazer o futuro feliz de que é digno um povo de bravos e de heroes:

HYMNO DA LIBERDADE

A GUERRA JUNQUEIRO

Letra de Queiroz Ribeiro—Musica: A Marselheza de Rouget de Lisle

A'vante, Patria! Não ha medo!
Luctar, luctar, sem desistir!
Venha o fogo, o ferro, o degredo,
Que ninguem suspende o Porvir.

D'olhar caido no Passado,
Furtando o teu braço ao dever,
Como um doente abandonado,
Servias só... para morrer!

(Côro)

A's armas cidadãos!
Uni-vos! dae as mãos
Marchae! vencei!
Salvae a Patria, a Honra, o Brio, a Lei!

Não soffras mais! Levanta a fronte,
O' Patria amada, ó santa mãe!
Estremece em luz o horisonte,
Rasga o dia as nevoas d'além...

A tua vida era um marasmo
Um mixto de sonho e torpor.
Nem um arranco d'enthusiasmo,
Nem um sorriso animador!

(Côro)

A's armas etc.

Mas quem luctou por tantos annos
E na campanha não cedeu,
Póde rir dos novos tyrannos
Como o heroe se ri d'um pygmeu.

Debalde esperam que tu gemas,
Tremula, sem voz, sem acção.
Se os pulsos vergam ás algemas
Ninguem algema um coração!

(Côro)

A's armas etc.

Sentido! fogo! Eis a batalha!
Matar sem dó! Morrer com fé!
Vale mais ouvir a metralha
Que envergar a infame libré!

Caiu por terra essa bandeira
Que jámais a guerra humilhou
Ergue-a de novo sobranceira!
Foi a traição quem a prostrou!

(Côro)

A's armas etc.

Partido progressista

A' commissão delegada do partido progressista local para a reunião do dia 5 em Lisboa, foram addiccionados mais os seguintes cavalheiros: Dr. José Maria Barbosa de Magalhães, José Eduardo d'Almeida Vilhena, José Antonio Pereira da Cruz, João Bernardo Ribeiro Junior, Manuel Nunes da Silva, José Pereira Junior e Luiz Nunes Freire.

A commissão leva plenos poderes para resolver em tudo em conformidade com o voto do nobre chefe do partido, sr. conselheiro Luciano de Castro.

Não, mil vezes não

E' assim que respondemos aos jornaes que são affectos ao governo, quando, em phrase espirituosa, declamam' que tanto se lhe dá como se lhe deu, que o partido progressista se abstenha da lucta eleitoral. Podemos dizer-lhes tambem no mesmo estylo—estão verdes, ou então, que, n'esse mesmo espirito mostram claramente que o encommoda horrivelmente a nossa abstenção.

Mas antes de fallarmos claramente ao governo cumpre-nos declarar, que o honrado partido progressista, baptisado nas luctas da liberdade, e batejado pelo grande patriotismo de Passos Manuel e de outros muitos patriotas, jámais teve em vista ser infiel ao throno e ás instituições que felizmente nos regem. Se, por amor de principios, muitas vezes, no ardor da peleja, pômos o throno a descoberto, não é isso o bastante para que o desejamos ver derruir-se com estas pugnas jornalistas. Não. O amor á liberdade está consubstanciado no amor ao throno. A Junta do Porto deu esse grande exemplo; e os mais valentes candilhos da revolução de 1846 gritaram sempre—D. Maria II e a Liberdade.

Rodrigues Sampaio no seu *Espectro* incutia terror no paço, mas seria o primeiro a expôr o peito ás balas se alguem pretendesse derrubar do throno a excelsa princeza filha de D. Pedro IV. Dito isto, nada receiamos que nos digam que nos colligámos com os republicanos, e que essa coalisão foi um erro. Não. Vê-se isso muitas vezes nas grandes nações que combatem por um principio liberal; mas hoje que tanto o nosso caminho, como os dos republicanos, está traçado, vimos bem alto declarar, que jámais desistiremos do que temos aqui escripto a favor d'essa abstenção. Não, nunca terão de nós outra resposta.

Se o governo, como dizem bem alto os seus aulicos, os seus arautos e os seus amigalhaços, tem a confiança do paiz; se estamos todos gozando o *dolce far niente* de todas as regalias constitucionaes; se os funccionarios publicos estão todos, principalmente os das mais baixas cathegorias, nadando n'um mar de rosas; se ninguem emigra para a America senão por fazer viagem de touriste e não por que veja morrer á fome a familia; se os carrilhos ganham seis contos de réis annuaes para passearem debaixo da Arcada e os aspirantes das repartições de fazenda nem se lhes paga apesar de estarem doentes; se o phyloxera e o mildiw fugiram dos nossos vinhedos espantados d'um governo tão liberal, tão financeiro e tão economico; se na maior parte dos correios se roubam cartas com valores declarados, e outras das quaes desconfiam que trazem valores; se a grande patifaria dos engajadores ahi campeia infrene e aos olhos de todas as auctoridades, tudo isto não é culpa do governo actual, porque é o melhor dos governos possiveis, e nada temos que nos queixar d'elle. Para quê? Não é elle o patrono e o protector de todos nós? Ora essa! Melhor do que este governo só a celeste bemaventurança.

Só o trabalho que tem tido os escrivães de fazenda para se fazer um recenseamento modelo, é um louvar a Deus! *Beatus ventri qui te portavit.*

Mas no meio de tudo isto, d'este bem estar que nos alegra a alma como se estivessemos n'um banquete de Lucullo, nós vamos declarando bem alto que não vamos á urna, e que algumas honradas parcialidades desaffectas a esse governo tambem lá não vão.

Veremos. A reunião do partido progressista na capital, e o que já se passou na reunião dos nossos amigos na invicta cidade, no dia 27, é a prova palpavel de que o honrado partido progressista ha-de cumprir o que todos nós desejamos. Sim. Abstenção completa. Deixar a urna livre, e depois que o governo viva a vida das maiores alegrias que tem tido todos os governos desde a fundação da monarchia. A' urna não iremos. Não, e mil vezes não.

DICTADURA DOS BANDIDOS

Tambem eu copio a epigraphe para demonstrar, que tem graça, e não offende *Dictadura de bandidos* é apenas uma metaphora, uma flor de rhetorica, empregada por um eloquente pessimista, porque, propriamente *bandidos*, não são os nossos governantes. Subtrahem simplesmente umas liberdades e direitos com animo do lucro, mas isso fazem-o com a paciencia e acquiescencia da grande maioria da nação.

O *Correio da Noite* é que tem d'essas graçolas picantes, mas sem intenção de injuriar: elle bem sabe, que, sob qualquer inscripção, pode articular libellos accusatorios, que nem por isso a santa paz se altera n'estes reinos.

Podem fazer-nos a operação da talha, que nos encontrarão chloroformisados, insensiveis.

A paixão amorosa pelos interesses patrios, que se traduz em protestos verbaes, ou escriptos, é demasiado platonica; e, por esse meio, ninguem se arreceie das contingencias crueis d'uma lucta sem treguas, com que o mesmo *Correio* nos põe mê lo. Como portuguezes, havemos de morrer *escravisados*, é certo, mas, nem nos paroxismos teremos um estremecimento, uma visagem sequer, que denuncie a cruciante dôr dos opprimidos.

Somos mais stoicos do que Zenão, quando ensinava—que as penas e os prazeres, a tranquillidade e a inquietação são coisas indifferentes: que todas as acções teem *egual moralidade*, e egual sancção.—

E o que serão tambem os senhores ministros á luz das melhores escolas philosophicas d'este seculo? Uns cynicos, mais *cynicos* do que Crates, o mestre do grande logico sensualista, que acima citamos.

O nosso governo, assim censurado, é um poder despotico e arbitrario, porque carece d'auctoridade moral e legitima, quando esta é a verdadeira justiça, e a justiça, o respeito pela liberdade. O governo, segundo Victor Cousin, deve ser o direito de defeza pessoal, transmittido a uma potencia superior, encarregada de fazer d'elle um uso regular *no interesse da liberdade commum*. Pois nós, *no interesse da verdade*, inventando um pensamento de Pascal, definil-o hemos—*a injustiça armada de força*—pois que d'outro modo não centralisaria tantos direitos, não supprimiria tantas liberdades, não perturbaria pelos monopolios e previlegios a equivalencia de serviços auctorisando espoliações, e muito menos legislaria em dictadura para aviltar o regimen, que deveria observar e manter.

E' e será o governo,—*a injustiça armada de força*—emquanto uma nação estrangeira não vier tutellar-nos, ou absorver-nos depois de extenuados e anemicos pelas sangrias dos varios Broussais, assistentes ás enfermidades sociaes em conferencia com os devoristas, seus afilhados e ajudantes, e acercados d'essa *praga de mandões*, que ainda hoje se vangloriam empavesados pela torpeza do papel, que representam. No entrementes, aggravar-se-hão as crises á falta de medidas urgentes economicas e financeiras, a liberdade d'imprensa será por completo amordaçada, as camaras umas perfeitas chancellas, e as reformas administrativas e eleitoraes, uns productos puramente faccionarios.

Por uma aberreção moral, penso ás vezes (e tenho-o escripto) que a tantos excessos de poder e abusos auctoritarios, se opporá em breve uma resistencia vigorosa, e a esse juizo me conduzem os exemplos da historia; mas, pelo visto, essa historia é para nós a da *carochinha*, com que as crianças se embalam e adormecem.

Que ingenuo que sou ás vezes!... A historia não é mestra que nos ensine; aqui legalisa-se o justo e o injusto; a lei não reprime o que a consciencia publica reprova. Mas, não é só a lei, que muitas vezes não satisfaz no seu fim racional e moral, são tambem os seus infieis executores; e, sobre este ponto, já o sr. Antonio de Serpa, ex-chefe do partido regenerador, reflexionava sensatamente accusando-se a si, e aos seus collegas, no livro, intitulado—*Questões de politica positiva*—publicado em 1881.

Ahi, a pag. 121 diz elle: «que os logares de ministros tão cubiçados pela *ambição*, e mediocridade, cubiçados principalmente por quem os não exercen nunca, são muitas vezes regeitados por quem os exerceu por algum tempo; e a causa principal é pura e simplesmente a repugnancia invencivel de gastar a maior parte do tempo da vida ministerial a occupar-se com as pretenções a empregos publicos, e de ter muitas vezes de *sacrificar a ellas a justiça relativa, as conveniencias do serviço, e até o exito de acertadas providencias governativas.*»

Ora, um paiz, aonde já em 1881 um eminente publicista e homem d'Estado abertamente declara por escripto que os gabinetes desperdiçam a maior parte do tempo a occupar-se das pretenções a empregos para injustamente os prover, revogando por tão escandaloso patronato o artigo 145 § 13 da Carta Constitucional, só por esse facto merece a classificação de *anarchico*, e tem que perder a sua autonomia, fallida de meios e de credito.

Crêmos, que esse ultimo desastre se precipitará pela attitude que fizeram tomar ao chefe do Estado, o qual, como o primeiro magistrado da nação deveria conservar-se acima da região das tempestades politicas, e estranho ás luctas dos partidos, afim de conciliar os representantes com os representados.

Em todo o caso repetiremos em conclusão—*que os dictadores, propriamente, não são bandidos.*

ELYSIO FREIRE D'A. PESSOA.

ASSUMPTOS D'OVAR

Vae alli um grande descontentamento por causa da nomeação do encommendado para aquella freguezia. E é com razão que o facto se dá. O sr. cardeal-bispo, esquecendo os serviços prestados á religião e á sociedade pelo clero d'Ovar, mandou para alli um moço sem pratica nenhuma de assumptos parochiaes, e unicamente porque lhe aprouve collocar em tão pingue beneficio um protegido seu. Mas n'isto não houve só desconsideração com o clero da freguezia, houve a tambem com o respeitavel arcipreste, que é um clerigo virtuosissimo, e um ancião geralmente venerado.

O nosso muito presado collega *Ovarense*, censurando o procedimento do prelado portuense, escreve no seu ultimo n.° o seguinte:

Abbade d'Ovar.—Passando por sobre a indicação de todos, passando por sobre a nomeação interna feita pelo reverendo arcypreste, desconsiderando o numeroso clero de esta freguezia—o bispo do Porto acaba de nomear para parocho interino da nossa freguezia um padre da sua feição o rev.° Luiz Magalhães Cid. O nomeado é um rapaz ainda muito novo, á semelhança do que o bispo do Porto costuma mandar parochiar as freguezias: é *persona grata* do paço e diz-se que quasi seu famulo. Tinhamos no nosso clero padres bemquistos, trabalhadores, com largos serviços prestados á parochia e sobretudo tolerantes—condição esta que era absolutamente necessaria para a nossa terra. O bispo do Porto preferiu mandar-nos um parocho sem conhecimento dos nossos usos e costumes e sem os annos necessarios para que a prudencia seja a sua norma de conducta e a tolerancia a sua regra.

Ha-de arrepender-se.

Como a offensa foi feita a toda á nossa villa, todos devem recusar ao novo parocho o pagamento de quaesquer contribuições que não sejam legaes e são:—os chamados escriptos; as cabeceiras; as amentas; as offertas; as auzencias.

Tudo isto algumas pessoas pagavam por medo ou tolerancia. Nunca houve direito para perceber taes emolumentos, porque nem ha tabellas, nem concordatas, nem sequer processo de derrama. O nomeado que se limite ás certidões, aos casamentos, pelos quaes não póde exigir mais do 100 réis e aos baptisados. De tudo isto deve tirar o bastante para dar ao bispo a prestação que lhe impoz. Levantamos esta campanha legal, em nome da desconsideração que todos soffremos nas pessoas do nosso clero. Havemos de tratar d'este assumpto mais desenvolvidamente.

A desconsideração alcança tambem o povo, que estava contente com o seu encommendado. Agora ver-se ha o que succede, mas é positivo para nós, que a desconsideração havida com o clero e com o povo d'Ovar ha-de ser devidamente punida pela desaffronta moral que os offendidos saberão infligir ao prelado, que pelos seus actos tão raras affeições conta na diocese.

ASSUMPTOS DA BATALHA

AINDA A FISCALISAÇÃO DO REAL D'AGUA NO CONCELHO DA BATALHA

Perdoa-lhe Pae...

Com estas immortaes palavras terminá, mos a nossa correspondencia ultimamente publicada e hoje ainda com a nossa habitual indulgencia e com as mesmas palavras encimamos a correspondencia que segue. E' que cada dia, novos assumptos se vão proporcionando e que para espiritos bem formados torna-se forçoso interceder por tão hipilepticas imaginações.

O monstruoso fisco, que só o nome aterrorisa, encontrou n'esta terra vultos tão sublimes para a execução, e com caracteres tão propensos a esta causa, que melhor se sabe sentir que explicar.

Não consta que em outra terra a tal monstruosidade encontrasse propagadores dos seus effeitos, como encontrou aqui; leva-nos a crer que, o fisco nasceu para esta gente, da mesma fórma que esta gente nasceu para o fisco: podendo ainda dizer-se que nasceram do mesmo ventre e com o mesmo leite amamentados. Mas a ignominia não está só no real cumprimento das leis fiscaes; os seus agentes aqui, ultrapassando sem dó nem piedade os verdadeiros limites, levam a sua terrivel missão ao ponto onde ella não devia chegar o nem tão pouco a barbara lei fiscal lhe dá auctoridade para isso. O que ella ordena, é que se não faça distincção e é tambem por isso que nós ha tanto tempo pugnamos, o que ainda não conseguimos. N'esta misticidade de combinações asquerosas, somos forçados a mostrar ao mundo imparcial a causa do nosso desgosto e as immenças razões que temos para o fazer publico afim de que se conheça como se desempenha o serviço do real d'agua n'este concelho, e de que meios se servem os empregados, para levar a fim as suas torpes e irrequietas intenções...

Permitam-nos que passemos ao positivismo, se em fim nos actos d'estes galopins, existe alguma cousa de positivo; mas seja como fôr, nós estamos no nosso campo, e não titubiamos em mostrar o desalento que causa nos inquietos, os effeitos de tão barbaros servidores!...

Voltamos a fallar no processo do sr. Manuel Domingos, o qual em outras correspondencias classificámos de monstruoso e de que anciosamente esperamos o veredictum do integerrimo tribunal do contencioso fiscal. Deu origem a esta infamia o ter o sr. Manuel Domingos, offertado um litro d'azeite a Julio Bret, de que este pagou o imposto; mas o fisco que a sua intenção não era imposto, mas sim vinganças politicas e engrossar as algibeiras, como claramente já demonstrámos, classificou este procedimento de incorrecto e architectou o processo em questão; vindo depois instruil-o, com não menos vergonhosas torpezas.

Agora commentâmos; se dar qualquer genero subjeito ao imposto, é infringir os regulamentos fiscaes, porque razão não tem precedido o soldado da guarda fiscal, ao ver entrar generos para casa do escrivão de fazenda e que lhe são offertados por proprietarios d'este concelho?...

Será capaz o guarda de negar estes factos, quando por elle mesmo teem sido commentados, e até classificando de menos correcto o procedimento do escrivão de fazenda?... Era o que nos faltava ver; mas o desmentido não tardaria porque de tudo ha provas evidentes. E' certo que o escrivão de fazenda sabe que o acceitar qualquer donativo ao contribuinte, nada depõe em favor do empregado, mas tambem sabe que ha favores que se não retribuem com dinheiro, e sabe ainda que e disposição Divina *pagar o jornal aos que trabalham*. Tire-se pois a conclusão, d'estes procedimentos fiscaes, e veja-se como poderemos classificar taes empregados. Mas ainda não fica só por aqui, passamos a outro assumpto.

Tem graça a impressão, que os nossos artigos, tem causado no animo dos individuos sobre quem recahem as suas verdadeiras accusações.

E' irrisorio o procedimento do escrivão de fazenda, quando sente cahir-lhe na ferida qualquer estimulante; e sem força moral para se desafrontar, porque, *máu é atacar o subjeito com balda certa*, toma um expediente menos digno e correcto, que quasi podemos classificar de nojento.

Os escriptos ultimamente publicados no *Campeão das Provincias*, não sabemos que dôr de cabeça lhe causaram, que o obrigaram a largar a apparencia de pessoa de bem, com que tentava illudir-nos, para abraçar a nefasta posição de cacetoiro cobarde. O caso é, que, no dia 25 do corrente, pelas 8 horas da noite, fez-se acompanhar de seu fiel creado, o presidente da camara, e ambos munidos de varapaus procuraram por todos os meios encontrar o sr. juiz de paz d'este districto, individuo sobre quem recahiam desconfianças do ser o auctor dos mencionados escriptos. Lograram porém encontral-o, e dirigindo-se a elle, o *habil* escrivão de fazenda perguntou-lhe se era elle ou não o auctor supposto. Este cidadão com a maxima ingenuidade lhe respondeu negativamente, sem com tudo se precaver, das brutaes intenções do seu interlocutor.

Novas instancias empregou aquelle empregado para conseguir o seu desejado fim, tal era o provocar a scena de pugilato; mas o cidadão passivel, despido de quaesquer intenções malevolas, não chegou a comprehender o campo a que o chamava o torpe desordeiro. Como não conseguisse dar largas aos seus rancores, retirou se para junto do seu creado que a pouca distancia aguardava o desenlace fatal, e balbuciando com elle o não sabemos que combinações acentaram, retiraram se para a loja do sr. Mendes da Costa; e ahi dando expansão aos seus vis propositos, declararam que, se o sr. juiz de paz lhe não tivesse respondido cathegoricamente que não era elle que escrevia, o perretiam á pancada. Accrescentaram ainda que, egual emboscada, se preparava para outro subjeito, o que de certo produzirá o effeito desejado, por aquelles monstros de forma humana, se aquelle individuo, cujo nome ignoramos, se não houver com tanta prudencia, como se houve o sr. juiz de paz. E acontece isto na Batalha, n'uma terra de gloriosas tradicções, aonde por infelicidade ha auctoridades do um proceder sem egual.

Porém dir-lhe-emos que continuem n'esses repellentes intentos, e desde já lhe declaramos que não nos intimidam; procurem que devem encontrar, e que o auctor das correspondencias não recuará, e não terá duvida de tomar a responsabilidade do que escreveu, e lhe dirá positivamente... fui eu!!... logo que lhe faça tal pergunta.

Até breve. Z.

CARTA DE LISBOA

30 DE ABRIL DE 1895.

A questão de Nyassa é a que traz mais excitada a opinião publica. O caso é para isso, e o governo não se acha menos preoccupado com ella. O que é para sentir é que nem toda a imprensa a tenha tratado como ella merece. O governo tem n'ella o seu martyrio, e pode encontrar n'ella o seu calvario. As conferencias entre alguns dos ministros, o procurador geral da corôa e o sr. Pedro Victor, commissario regio perante a companhia, repetem-se, repetindo-se tambem os esforços para evitar o mal que do descobrimento inteiro da verdade se pode dar. Da parte do commissario regio ha culpas graves. O facto prova mais uma vez, que uma certa gente só quer os altos cargos apenas para lhes auferir os lucros. Como digo, a posição do sr. Pedro Victor é muito compromettedora. O commissario regio não está bem. A sua situação é a que se expõe nas seguintes linhas:

Toda a gente pergunta como é que, funccionando junto da Companhia do Nyassa um commissario régio, o sr. Pedro Victor, se poderam dar os escandalosos casos, parte dos quaes são já conhecidos. Como é que, sem consequencias, um dos administradores, á guarda do qual se achava entregue o archivo da companhia, declara nas bochechas d'esse commissario régio que não havia nem livro de escripta, nem registro d'acções, nem coisa nenhuma?! Como é que se omittem, segundo dizem, nada menos do que 500:000 acções, cujo producto em boas libras se não sabe que destino tivesse?! O espanto de toda a gente sóbe, porém, de ponto, ao saber que o sr. commissario régio consentiu que se fizessem dois contractos, isto quando na acta d'uma sessão um administrador faz inserir o seu protesto contra o segundo contracto, baseando-o no facto de estar, havia doze dias feito o primeiro! E apesar d'isso o sr. Pedro Victor, commissario régio junto da Companhia do Nyassa, não só se não oppõe ao contracto, mas segundo nos affirmam, até o assignou!! Mas ainda ha mais curioso e não menos grave. Na minuta d'uma das actas assignada por todos os administradores presentes, pelo conselho fiscal e pelo proprio sr. Pedro Victor, apparece escripta a declaração de que este ultimo entendia dever pôr á disposição da companhia **mil acções com que de Londres o tinham presenteado**, a titulo de serviços prestados ao administrador inglez Wilson! Note se desde já o facto extraordinario de haver razões para fazer presentes de acções e presentes tão principescos, exactamente ao commissario régio junto da companhia que emittiu essas acções e cuja vida o governo fiscalisa pelo seu presenteado delegado de confiança! E' claro que se não declarou a época em que foi feito o presente e apenas se sabe o dia em que o commissario régio entendeu dever recusal-o, pondo as mil acções á disposição da companhia, facto que muito lhe louvamos, sentindo não saber os serviços que na opinião do inglez Wilson mereciam a choruda e bisarra offerta. Claro está que o inglez não fazia presentes para retribuir serviços, se não estivesse convencido da existencia dos mesmos, e que elles lhe tivessem servido para alguma coisa. Mas agora o mais extraordinario de tudo e que chega a ser funambulesco, é o seguinte:

Na acta não apparece a declaração do commissario régio relativa ao presente de mil acções, pois que essa parte foi sonegada na transcripção!! Nós não pedimos a ninguem que pergunte por essas mil acções nem que se benza nove vezes com a mão esquerda, ainda que o caso é para isso; o que pedimos a todos é que vão abrindo os olhos e ajuizando de tudo isto que é por demais edificante... e excessivamente moral!

Outro jornal de hoje, tratando do assumpto, escreve o seguinte:

«Noticiam alguns jornaes que se procura abafar a questão do Nyassa, nas regiões officiaes, em virtude das influencias postas em jogo pelos politicos decerto como que nella se acham envolvidos. As nossas informações não concordam com esse boato, e muito menos se harmonisa com elle a opinião que fazemos dos homens que teem o dever indeclinavel de assegurar no presente caso o triumpho completo da justiça social, em nome dos mais altos interesses moraes e economicos do paiz. E' absolutamente impossivel abafar a lamentavel questão da Companhia do Niassa. E' absolutamente impossivel tambem não começar emfim o reinado do direito contra o malfadado regimen da irresponsabilidade. Se estão envolvidos politicos de grande influencia neste ou naquelle caso indecoroso, maior é a necessidade de lhes infligir com serenidade o merecido castigo. Nas miserias abjectas do Niassa estão atolados individuos de ambos os partidos monarchicos. Seria absurdo lançar sobre os mesmos partidos a responsabilidade de esses desregramentos. Mas seria tambem um erro, uma vergonha, um escandalo intervirem elles por qual quer forma para assegurarem a impunidade dos correligionarios compromettidos. Não acreditamos que haja quem dê um passo para esse fim, tão vexatorio é o caso do Niassa, tão alto clama elle pela espada da lei, tão adversas a restauração moral e economica do paiz são os brandos costumes em que temos vivido desgraçadamente. Continuaremos a tratar de estes assumptos em nome dos supremos interesses da patria. É o nosso dever.

E' que a questão é gravissima, tão grave que não pode deixar de affectar a existencia do governo.

— Como era de esperar, foi muito resumida a concorrencia ao paço com o fim de cumprimentar El-Rei pelo anniversario da Carta. E' que já poucos se prestam a representar na comedia vergonhosa a que as decadentes formalidades nos chamam. Ao paço foram alguns militares apenas e poucos funccionarios civis. Receberam Sua Magestade El-Rei e o sr. infante D. Affonso. As Rainhas não compareceram. E' que tomam parte com o povo no desgosto que a todos fere.

— Continuam a chegar communicações indicando os nomes dos delegados enviados á grande reunião do dia 5. Nenhum concelho deixará de ser devidamente representado. Dos proprios districtos insulares veem cavalheiros, e de onde não veem pessoas, vem delegações em correligionarios residentes aqui. Espera-se que a demonstração seja a mais solemne; e que será unanime na resolução pela abstenção, é fóra de duvida. A opinião do chefe, porque parte d'uma consciencia pura e de um caracter immaculado, porque n'ella se reflecte uma decisão patriotica, ha-de ser geralmente votada, succeda o que succeder. O governo sabe isso, sabe-o o governo e sabe-o a corôa, que infelizmente para ella e para o paiz, continua na mais crúa obsecação, parecendo querer ligar a sua sorte á sorte do governo.

— Continuam as filiações no partido progressista. Por toda a parte se está dando esse facto aliás significativo. Agora filiou-se em Evora, no centro politico d'alli, o sr. Francisco José de Mira, que é até um dos cavalheiros escolhidos pelo partido para ir como delegado á grande reunião de Lisboa, no dia 5—tão considerado é o seu caracter e tão distincta a sua posição.

— Parte no paquete de 6 para o Brazil o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, nomeado ultimamente embaixador de Portugal n'aquella nação. E' s. ex.ª muito competente e estou certo que fará obra á altura do seu engenho, consolidando a alliança dos dois povos irmãos.

Y.

—

A' ultima hora.—A procuradoria geral da corôa dará ámanhã o seu parecer sobre a questão do Nyassa, para apreciar o qual reunirá logo o conselho de ministros. A questão do Nyassa está absorvendo todas as attenções e correm a tal respeito mil boatos, todos gravissimos.

— Não se receberam noticias importantes de Lourenço Marques; sabe-se, porém, que as forças expedicionarias marcharam para o interior com o proposito de atacar o regulo de Mahazul.

Y.

O VINHO

Sob esta epigraphe o distincto escriptor sr. Rocha Pexoito escreve o seguinte:

Ao effectuar-se o recente congresso viticola em Lisboa, então ou pouco depois appareceu publicada a memoria em que uma commissão nomeada em dezembro de 1893 respondia aos quesitos que lhe haviam sido propostos ácerca da economia vinicola nacional. Determinara-se, principalmente, a averiguação da nossa producção de vinho, do seu valor em reis e do custo da vinificação, e ainda da area occupada pela cultura da vinha em todo o paiz, o dispendio com ella, o consummo vinico entre nós e o valor da exportação, além d'outros dados por egual interessantes e agora mais do que nunca opportunos e necessarios. Foi, pois, um balanço, o que se fez, ordenado com uma vasta amplitude, mais inevitavelmente imperfeito como se apressa em reconhecer e declarar a commissão, mercê de estorvos por vezes inamoviveis embora em outras vencidos intelligentemente e com proveito. Entanto, preciso é registrar que, ha algumas dezenas de annos para traz, muito mais incorrecto seria um trabalho similar pois que se o artigo vinho constitue, de ha muito, mais de metade de toda a nossa exportação, vem de perto os avultados embora insufficientes sacrificios do paiz a favor do seu mais nobre e lucrativo ramo agricola, traduzidos em providencias e dispendios cujo valor e resultados não é licito contestar. A historia da cultura da vinha entre nós está, naturalmente, cheia de obscuridades até epocas relativamente proximas de agora. Sabe-se que se realisava em eras longinquas e que pelos meados do seculo XIV a producção de vinho satisfazia o consumo do reino, chegando talvez e ainda para ser exportado algum em vida de D. Fernando. Mas só depois d'uma penuria de vinhos italianos é que da Inglaterra começaram a procurar os nossos, estabelecendo-se no Porto, a pouco e pouco, as primeiras feitorias, graças á reputação alcançada, depois de 1678, pelos vinhos do Douro; até então só eram conhecidos os da Madeira (1500) e exportára-se d'outras regiões do continente (1636) pequenas quantidades de vinhos finos satisfactoriamente acceites. Foi-se alargando a venda para varios portos do Baltico, para a Africa, para a India e para o Brazil; mas a Inglaterra absorvia a maior parte, attingindo a nossa exportação media annual para lá, em fins do seculo XVII, um numero superior a 5:000 pipas. Até que, em principios do seculo seguinte (1703), celebra-se o tratado de Methwen, em virtude do qual á Inglaterra concediamos a entrada dos seus pannos no nosso territorio e, em troca, os vinhos portuguezes pagavam, n'aquelle paiz, menos um terço dos direitos a que eram obrigados os de outras procedencias. Ora por esse tempo as fabricas de lanificios, estabelecidas em 1681 pelo conde da Ericeira, na Covilhã e em Portalegre, haviam de tal sorte progredido que bastavam para consumo do reino e possessões os tecidos n'ellas produzidos, e mesmo se prohibira, em 1684-85, a entrada de pannos, sarjas e draguetes estrangeiros. Um anno volvido sobre o tratado, a exportação da Inglaterra para cá, que tinha descido a um valor de 400:000 libras, subiu a 1.300:000! E nós que nos quatro annos anteriores expediramos para os inglezes 31:000 pipas, nos quatro seguintes exportavamos a mais e apenas cerca de 700! Mas não nos fica por aqui o desproveito do tratado!

*

O inglez começou a pagar a pipa de vinho, no Douro, a 60$000 réis e a mais o que conduziu naturalmente o lavrador a alargar a plantação da videira. Breve o augmento foi excessivo e, parallelamente, o bretão adquiria n'outras regiões vinhos inferiores que introduzia na lotação dos durienses; d'uma banda, pois, descia o preço do producto n'aquella região e por outro lado desacreditava-se pelas mistelas que organisavam com os vinhos peores. Quanto ás fabricas de pannos era d'uma vez uma ruina: insinuando-se pelo Minho, por Traz-os-Montes e pela Beira, o britanico lá introduziu as suas fazendas e deu com as nossas fabricas em terra. Veio a época, por fim, em que os vinhos mais finos do Douro se venderam a 10$000 réis a pipa e até o proprio inglez se atemorisou com similhante descenso. Entretanto, depois de haver aconselhado as aguardentações, a baga de sabugueiro e outras confecções de sorte que a bebida fosse, como contam os *Commissarios Veteranos*, «um fogo notavel nos espiritos, uma polvora incendida no queimar, uma tinta de escrever na côr, um Brazil na doçura e uma India no aromatico», a feitoria ingleza dirigia-se (1754) aos commissarios do Douro ameaçando-os e accusando-os precisamente de preparos que só ella introduzira. E' de então a eloquente e energica resposta dos Commissarios referidos, onde demonstram «estarem innocentes os lavradores na culpa que se lhes imputa, de receiteiros», pois que, podendo-se vender a novidade sem nenhum dispendio, não ha homem que «se queira onerar por gaudio e desvanecimento com o gasto de 5 a 6$000 réis ou ainda mais na composição de cada uma pipa da Feitoria.» E depois: «Que pipas de aguardente não gasta cada uma das Casas de Negocio do Porto para lançar nos vinhos depois de mettidos nos seus armazens? Que immensidade de alqueires de baga de sabugueiro não mandam vossas mercês conduzir, para nos mesmos lançarem aos vinhos? Que quantidade de pipas de vinho mudo feito de aguardente, e outro de mecha, feito de vinho verde... não mandam vossas mercês fazer para lançar nos vinhos?... Certamente o não affirmariamos se não nos tivessem passado pelas mãos tantas commissões de vossas mercês... que não podem julgar em causa propria e mais sendo n'esta reos.»

Julgando desnecessarios os avisos da Feitoria, os Commissarios Veteranos recommendam a emenda geral; «se não, assim como o Douro passou ha mais de quarenta annos sem Feitoria ingleza, e nós os Commissarios, sem a conducta das Commissões, nos tornaremos ás nossas terras, e vossas mercês ás suas do Norte; que não faltarão outras nações que nos busquem.» Roubados d'est'arte, fundou alfim Pombal a *Companhia* para obstar talvez a influencia ruinosa dos inglezes; todavia, se durante o bloqueio, a exportação de vinhos para a Inglaterra subiu e muito 66:000 pipas em 1801) pelos motivos sabidos, de 1815 para deante tornou a descer ás anteriores proporções. Das varias crises que mais tarde surgem é interessante assignalar a da abundancia, em 1848-49; tanto vinho houve que se vendeu a pipa a dezoito tostões, pipa essa e não raro de 39 almudes: pouco mais de 46 réis cada! Mas em pouco começa a angustiosa romagem das doenças; primeiro a epifitia da mangra, em 1851, generalisada em todo o paiz, rapidamente extinta e logo adeante a filoxera, a pirale, a anguillula, a antracnose, a erincse, a maromba, o black-rot, o mildio. Começaram então os tragicos desastres, cuja historia é ocioso reproduzir aqui.

*

O que se sabe actualmente sobre a industria do vinho em Portugal.

Resume o relatorio precitado este assumpto e para aqui extracto os finaes resultados obtidos, insistindo mais uma vez em registrar, pois que a commissão elaboradora o faz egual e instantemente, a imperfeição dos dados. Os primeiros quesitos discutidos são a quantidade da producção vinicola, o seu valor em reis e a area occupada pela cultura da vinha no paiz. Para o primeiro assentou a commissão no numero de 3.606:198 hectolitros, representando um valor de 15.727:890$040 réis, verba esta que responde ao segundo; a area agricultada é fixada em 187:493 hectares. Ora estes numeros —nunca se fatiga de expressar a commissão—são, além de incorrectos, provisorios; é manifesto que, se em tempos normaes elles variam de anno para anno, muito mais variam agora que, d'um lado, se avoluma a reconstituição iniciada e de outro não cessam os inimigos naturaes de os reduzirem. E se as epifitias e fitonoses alteram a fixidez das areas, é ainda para contar a difficuldade de avalisação em face das varias formas de cultura. Forçoso é por egual attender, quanto á producção, ao retrahimento dos lavradores em darem a conhecer os seus lucros e não menos á natureza d'estes inqueritos que exigem, necessariamente, muito pessoal habilitado, o que não sobeja entre nós.

O custo da cultura da vinha e da vinificação e o lucro médio por hectare nas diversas zonas productoras, que são os tres quesitos seguidamente tratados, constituem materia que não dá margem a ser assignalada com maior exactidão. Ha tabellas na memoria naturalmente curiosas para os interessados e que, pela sua extensão, não podem ser aqui reproduzidas; nos calculos de despeza e rendimento a commissão faz intervir o valor locativo da terra, a renda das officinas e seus pertences, os impostos, o juro do capital circulante, o juro do capital do estabelecimento da vinha, etc. Mas como ser exacto se os informes procedem frequentemente de interessados em avolumar as despezas e cercear os lucros? Numeros geraes tão pouco é impossivel exarar. Certo que os amanhos annuaes são quasi identicos nas vinhas bem cultivadas — desempa, escava, adubações, póda, empa, redra, esfolha e vindima — alem do tratamento das doenças quando hajam videiras atacadas. Mas d'uma zona para outra os gastos da plantação variam conforme a estructura geognostica do solo e o seu relevo, e o custo do grangeio—salarios, mais ou menos adubações, etc. —não é sempre e egualmente o mesmo. Os saldos positivos, nas differentes regiões, são pois varios, evidentemente. Respondendo á interrogativa que diz respeito á superficie filoxerada, a memoria dá conta, por districtos, das áreas invadidas; ha-os em que a invasão foi total; mas em Traz-os Montes, nas Beiras e na Estremadura a assolação attingiu tal latitude, que, em dez annos, só estas provincias perderam tres quartas partes da sua superficie viticola e seis quartas partes da sua producção vinicola. Em todo o paiz a vinha europeia acha-se reduzida a menos da quarta parte do que era e quanto á producção póde-se affirmar, grosseiramente, que diminuiu da antiga, duas quintas partes! E a proposito é justo assignalar aqui uns informes posteriores á memoria que resumo e que denunciam o valor das providencias dos governos, não referindo já o estabelecimento de escolas e os contractos com mestres de adegas e viveiristas estrangeiros. De 1891 a 93 o estado distribuiu pelos viticultores 3.309:218 barbados, 897:300 bacellos de metro, 1.616:024 estacas de meio metro, ou seja um total de 7.828:137 plantas americanas. Pois a despeito d'estes serviços, só em tres annos, e suppondo que apenas metade dos terrenos filoxerados poude ser renovada pela americana, seriam ainda necessarias 367.554:000 plantas. Finda o relatorio satisfazendo em parte aos dois quesitos: qual é o consumo dos vinhos no paiz? qual é a exportação dos nossos vinhos em qualidade e quantidade? Para o segundo apresenta um mappa organisado sobre a estatistica aduaneira; e referente ao primeiro mais uma vez registra as difficuldades de calculo e exactidão. Não só o consumo interno varia dentro do paiz, como a abundancia ou a escassez determinam o gasto. Certo é que ha poucos annos se consumia muito mais. Ora fixando a média de 75 por cento da producção, tal numero deve approximar-se muito da verdade e não é para estranhar tendo presente que em todo o paiz productor o melhor mercado de vinhos é o consumo interno. Apesar das deficiencias accusadas a *Economia vinicola* é uma excellente memoria para o momento e fornece, a par de informações duvidosas, esclarecimentos de muito valor e, entre outros, os relativos á vinicultura em Hespanha. Longe de se alcançar a precisão desejavel, verdade é que esse trabalho marca um logar de evidencia na nossa já vasta litteratura œnologica e viticola.

*

Bem. Quando surgiu a invasão filoxerica e alastrou, o damno attingiu proporções taes em localidades varias que a penuria obrigou o estado a satisfazer grande numero de compromissos parochiaes e municipaes. Mas se o afidio não surge, averiguado está, com sufficiente plausibilidade, que uma crise não menos temerosa succederia: a da abundancia. Portugal, pela diversidade da sua estructura geologica e variabilidade de exposições e altitudes, produz numerosas castas de vinhos, muitos dos quaes superiores. Isto é sabido. Ora considerando, do mesmo passo, a falta de uniformidade das operações vinarias e a promiscuidade, em superficies demasiado restrictas, das mais diversas variedades, nós nem podemos sustentar tipos médios de vinhos de pasto bem definidos, nem quasi os possuimos. Massas de primeira ordem, existem; mas são ellas acertadamente tratadas para originarem vinhos bem conformados, completos e duraveis? Na ignorancia ou na indifferença pelas sulfurações rigorosamente executadas, pelas trasfegas, pela temperatura das adegas e outros requesitos, a aguardentação é o recurso, herdado da gente ingleza, de que o vinicultor lança mão para que o vinho dure. D'est'arte, sem um fabrico vinico bem conduzido e ultimado e em face da concorrencia d'outros centros, como obter collocações remuneradoras nos mercados externos, uma vez reconstituidos os nossos vinhedos? Sem aguardentação se teem conservado vinhos claretes do Douro, excellentes Collares e outros; com um atinado tratamento se hão produzido vinhos que, n'uma exposição estrangeira, fizeram soltar immediata e expontaneamente exclamações como estas: *Bello vinho da Mosella! Mais fino que Chablis!* uma companhia e já muitos vinhateiros educados alcançaram vinhos de fisionomias tipicas e soberbas. Mas é ainda pouco. A formação de associações de productores, eis o que se pede de ha muito para obtermos vinhos tipicos de pasto bem preparados que fossem vendaveis lá fóra.

Ora além das adegas sociaes, cuja organisação será, pelo menos, assaz morosa, aos commerciantes de vinhos competia, conforme os desejos do consumo externo, elucidar o productor sobre o fabrico ou, sequer, realisar intelligentemente as composições. Mas comparem o atraso do lavrador e a farofia petulante e obtusa do negociante! Oh! a cadeia! Por o que ahi fica, sem novidades de resto, se vê que a questão não se reduz apenas em escolher boas castas, estabelecer vidonhos e cultival-os bem: é necessario fabricar vinhos que o estrangeiro nos compre. E agora que a reconstituição dos vinhedos se accelera, exaggeradamente mesmo, por vezes, é que este problema economico deve ser, mais do que nunca, profundamente estudado e reflectido.

Porto. *Rocha Peixoto.*

TRIBUTO DE SAUDADE

AO MEU BOM AMIGO O EX.^{mo} SR. DR. JOSÉ MARIA BARBOSA DE MAGALHÃES

> Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas regum que turres.
>
> HORACIO.

Meu caro José.—Vejo passar ante mim um funebre cortejo de mortos, e todo esse cortejo me faz soffrer muito, porque vem avivar-me a triste e pungente saudade do meu passado, da minha gentil mocidade, da minha vida d'amores, de poesia, de prazeres e de loucuras. Hoje, no declinar do outono da vida, n'esse principio do occaso da existencia, doente, alquebrado de forças e quasi sem familia, é para mim um lenitivo, n'este momento, vir pagar um tributo de saudade áquelles que tão caros me foram na vida, tanto os que me ampararam no alvorecer da existencia, como os que me estenderam a mão na minha carreira publica; tanto áquelles que foram meus companheiros na mocidade, como os que encontrei no pleno vigor da vida e na carreira burocratica. Sim, venho pagar esse tributo, porque

> nessia maggior dolore
> che ricordarsi del tempo felice.

Sim, meu caro José. Venho hoje pagar esse tributo, e parece que a minha alma se evola aos páramos celestes mundos desconhecidos o lenitivo á minha saudade. Perdi minha santa mãe, minha esposa, meu irmão Augusto, meu primo José, minha prima D. Maria José Abranches David, meu thio Fernando Nogueira, e os meus amigos conselheiro Antonio José Duarte Nazareth, conselheiro José de Mello Gouveia, conselheiro Manuel d'Assumpção, Fernando de Vilhena, Matheus de Magalhães, o meu antigo chefe de repartição José Augusto Pessoa d'Amorim, e Manuel Antonio Ferreira, d'Ilhavo. Isto durante o curto espaço de seis annos, que tem sido para mim um inferno de dores, de doença, de desgostos e de infortunio. Sim. E' um infortunio ao ver sumir n'esse grande poema da Eternidade os entes que nos foram caros na vida, que nos emballaram no berço, que nos encostaram ao seu seio, que dormimos no seu regaço; e d'aquelles que nos foram companheiros queridos n'este peregrinar constante da vida.

A ti, meu caro Matheus de Magalhães, que tão meu amigo foste; a ti, que tanto me estimavas como eu te estimava, que te amava como a um verdadeiro amigo; a vós, meus amigos, que me amparaste na minha carreira publica, e a vós, meu thio Nogueira, alma dilatada a fazer bem, porque morreste, e não deixaste em Aveiro uma pessoa que se queixe de uma leve offensa que lhe fizesses! A vós, Manuel Antonio Ferreira, d'Ilhavo, coração d'ouro, alma leal e caracter nobilissimo, uma verdadeira saudade.

Oh! e passa este cortejo funebre ante mim como um relampago de luz, vivificado pela amarga saudade, que nos dilacera até á ultima fibra do coração! Venho pagar-vos um tributo de amizade, um tributo que é o fogo sagrado que nos incendeia a alma, e que nos arranca as lagrimas de saudade, lagrimas que não envergonham, lagrimas que nos enaltecem o nosso caracter, lagrimas que nos escaldam o coração e nos arrefecem os labios.

Que fora a vida se n'ella não houvesse lagrimas, disseste-o tu, grande Herculano, que, na tua Thebaida, fugiste dos homens que não comprehenderam o teu grande espirito. Sim. Fugiste d'este mundo vil e enganoso como as lagrimas do crocodilo, e o riso sarcastico dos cynicos que se embriagam com as dôres alheias.

Chorar, não envergonha, e se nos envergonhassemos, oh! como essa vergonha seria o premio das grandes virtudes que fizeram de Magdalena uma santa, e de Eurico um infeliz.

Choremos, e em quanto os nossos olhos se humedecem d'esse orvalho celeste que nos nossos labios, o seu doce movimento, dizem.

Descancem em paz amigos, parentes, entes queridos, porque as vossas almas foram procurar na bemaventurança o premio das suas virtudes.

Requiem aeternam done in domine.

H. DA C.

CENTENARIO DE SANTO ANTONIO

Sob esté titulo o *Correio Nacional* escreve e nós applaudimos:

PERDÃO NACIONAL

Da ex.^{ma} sr.^{a} D. Maria da Conceição Moraes recebemos a seguinte carta acompanhada do pedido de *Perdão Nacional*, que tambem gostosamente publicamos, admirando os sentimentos de caridade de s. ex.^{a}:

Sr. redactor do *Correio Nacional*.

V. não deixará de conceder-me a sua boa vontade na propaganda do bem, publicando as lembranças que se seguem, certo de que não haverá espirito humano que deixe de reconhecer quanto é aproveitavel o meu pensamento. E' chegado um momento proprio para nos lembrarmos de que o dever da humanidade manda esquecer o mal e praticar o bem, imitando assim o nosso glorioso Santo, que na sua vida perdoou ao grande criminoso. Para coroar o seu centenario com corôa de ouro, não haverá outra occasião para uma commemoração tão sympathica como a presente, e segundo a sublime tradicção christã os que perdoam na terra serão perdoados no Céo. Reconhecida por esta fineza continua sendo

De v. etc.

Maria da Conceição Moraes.

S[C, Lisboa e rua dos Canos, 58, 1.°

1.° grupo—Estudantes de qualquer faculdade, arte ou officios, reclusos a pena correccional, temporariamente suspensos, multados ou expulsos até 13 de junho sejam absolvidos e readmittidos porque n'estes póde haver grandes merecimentos desconhecidos.

2.° grupo—Todos que sejam considerados empregados publicos de qualquer cathegoria reclusos, condemnados a pena correccional, temporariamente suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

3.° grupo—Despachantes, seus caixeiros ou ajudantes, reclusos condemnados a pena correccional temporariamente suspensos, ausentes por vergonha ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

4.° grupo—Ecclesiasticos de qualquer graduação reclusos condemnados a pena correccional, suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

5.° grupo—Jornalistas ou escriptores reclusos condemnados a pena correccional, suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

6.° grupo—Os reclusos civis d'ambos os sexos, já condemnados a pena correccional até 13 de junho sejam absolvidos.

7.° grupo—Politicos reclusos condemnados a pena correccional, suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

8.° grupo—Policias civis reclusos condemnados a pena correccional temporariamente suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

9.° grupo—Tantos portuguezes, e alguns com fortuna, estão habitando nos Estados-Unidos da America e outras paragens longiuquas que lhes offerecem asylo seguro, e todos desejosos de reentrarem na Patria que os viu nascer, e visto que nada aproveita a sociedade com o desterro a que a fragilidade humana arrastou esses expatriados seria vantajoso, e commemorativo que o manto da clemencia os faça resuscitar, estendendo-se áquellas paragens com a noticia consoladora do perdão ainda aos mais criminosos.

10.° grupo—Militares fiscaes de qualquer arma, reclusos condemnados a pena correccional temporariamente suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

11.° grupo—Militares de qualquer cathegoria reclusos condemnados a pena correccional temporariamente suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

12.° grupo—Marinheiros de qualquer cathegoria reclusos condemnados a pena correccional temporariamente suspensos ou multados até 13 de junho sejam absolvidos.

13.° grupo—Os condemnados militares e civis d'ambos os sexos, que estejam cumprindo sentença em qualquer prisão ou fóra d'ella lhe seja conferido um perdão de 36 por cento commemorando assim os 36 annos que viveu o nosso glorioso santo.

Lisboa, 17 de abril de 1895.

Maria da Conceição Moraes.

—

No congresso catholico que se hade realisar em Lisboa por occasião das festas do centenario de Santo Antonio tomam parte os srs. monsenhor Richard, arcebispo de Paris, arcebispo de Tours, arcebispo de S. Thiago de Compostella, arcebispos de S. Paulo e Bahia, cardeal bispo de Sevilha, arcebispo de Saragoça, bispo de Limoges e Cambral, monsenhores de Hulst e Michael de Carbonara.

—

Reuniu sob a presidencia do sr. conde da Guarda, secretariado pelos srs. dr. Amor de Mello e João José de Castro, a commissão dos festejos na Praça da Figueira. O sr. conde da Guarda declarou que era a ideia da creação da creche que fez com que acceitasse a presidencia e agradeceu o terem-se lembrado do seu nome. Tendo sido discutidas algumas propostas e apresentados diversos alvitres, ficou resolvido que as festas se fizessem dentro do mercado. O sr. conde da Guarda propoz que se nomeasse uma commissão para se intender com a direcção do mercado; consultada a assembleia, esta resolveu que ficasse a mesa encarregada d'esta missão. O sr. dr. Amor de Mello lembrou que diversos sol-e-dós e bandas de musica alli viessem tocar para dar ás festas um tom popular. Caso a direcção do mercado annua ao pedido da commissão, espera-se que as festas durem tres dias.

O sr. conde da Guarda propoz mais que se fizessem duas subscripções, uma para a festa de Santo Antonio no mercado da Praça da Figueira e a favor da créche das filhas das vendedeiras do mesmo mercado, e outra para as pessoas que desejarem auxiliar a sustentar a créche, concorrendo com quotas mensaes. Esta proposta foi approvada.

CARTA DE COIMBRA

29 DE ABRIL DE 1895.

(D'outro correspondente)

Meu velho Patuleia.—Faz hoje 69 annos que D. Pedro IV outorgou a Carta Constitucional, essa famosa Carta que tantos e tantos rios de sangue custou ao paiz. Mal diriamos nós, nós os valentes de Pernes, d'Almoster, das Linhas, da Asseiceira, que passado mais de meio seculo veriamos calcada aos pés esse Codigo da nossa liberdade por um governo que nos tem regalado com as melhores ordenanças, ordenanças que faziam inveja ás de Carlos X. Sim. Nós que nos morros da serra offereciamos os peitos ás balas, emquanto nossas familias agonisavam com os horrores d'uma guerra civil, vemo-nos hoje manietados pelos ukases d'esse governo que tem posto em pratica a famosa lei das rolhas de cabralina memoria. Mas, nada de dizer mal d'elle. Mal? E pelo quê? Não estamos nós gosando uma paz octaviana? Não temos nós um exercito flammante com os seus penachos, em quanto que se reforma o sr. capitão Lobo, por que a junta-moral disse, que não convinha? E sacrifica-se assim um militar brioso sem o ouvirem, sem lhe dizerem, diga lá da sua justiça?

Então nós podemos censurar um governo que nos dá a maior liberdade da urna, e tanto que o honrado partido progressista não quer ir disputar as hostes aguerridas dos seus eunuchos. Pois deixal-os lá ir. Nós, os velhos patuleias, é que não pomos lá os pés; e seria uma vergonha eterna para o partido progressista se tal fizesse, depois do que se tem dito e do apoio unanime de todos os homens de differentes côres politicas que applaudem essa lembrança. Sim. Isto mesmo temos ouvido a alguns regeneradores d'aqui, que tendo sido intimos amigos do chorado Fontes, estão descrendo muito dos elixires que nos quer fazer engulir o paternal governo que felizmente nos rege, e governa e reina.

Causou aqui a mais grata impressão a imponente reunião da assembleia geral do partido progressista no Porto. Não imagina, meu caro amigo, o que hontem se dizia na Havaneza, nos differentes estabelecimentos da rua do Visconde da Luz. Até muitos academicos duvidaram d'essa iniciativa, porque viam ser a demonstração de que o nosso partido não está morto, nem desmantellado, nem desunido, como elles para ahi proclamaram ás turbas.

Deus queira que na magna reunião do partido em Lisboa, no dia 5 de maio, (olhe que foi em maio a Maria da Fonte) se leve ávante esse alvitre, porque, se o não fôr desertam muitos dos nossos correligionarios, e com razão.

Eu, se poder, se o meu rheumatismo me deixar, lá vou e muitos d'aqui. Depois lh'o direi. E' a melhor solução para resolver o problema intrincado em que está envolvida a nossa politica.

Não posso mais, por hoje. Na seguinte serei mais extenso, pois tenho muito que conversar com o administrador d'este concelho a respeito do regedor da freguezia de Souzellas. Verá que estamos em pleno reinado do senhor D. Miguel. Do que ler não se admire. Em Goes ainda se tem feito peor. E por hoje basta.

Um dos que esteve em Torres Vedras e no Porto em 47 que se assigna

José Patuleia.

NOTICIAS DIVERSAS

O convento das Donas de Santarem.—No dia 20 do corrente falleceu em Santarem a ultima freira d'este celebre convento, D. Carolina Francisca de Mattos. O convento das Donas de Santarem vae passar para o estado, que lhe dará não se sabe que destino. Vem a proposito publicar alguns apontamentos sobre a fundação d'esta casa religiosa, que data do seculo XIII. Foi sua fundadora D. Domingas João, que nasceu em 1246 e morreu em 1312; estabelecera-se, só, n'uma pequena casa proxima do convento da Trindade tendo-se-lhe reunido tres ou quatro companheiras animadas do desejo de professar na ordem dominicana. Chamavam então a estas monjas as *Emparedadas*, em rasão da casa que habitavam. Os padres Menores parece que não viam de bom animo a nova instituição em frente do seu mosteiro e então, os dominicanos cederam ás *Emparedadas* a parte do terreno onde hoje se acha edificado o convento e que então se denominava sitio da Magdalena. O nome de Donas veiu-lhe mais tarde, e segundo as melhores opiniões, de *Dominas*, termo que entre os romanos designava donzellas nobres. O proprio mestre geral de toda a ordem dominicana, lhe chamou *Dominas* em todos os brindes latinos que lhe enviou.

Em 1827 reuniu-se em Bordeus o Capitulo Geral, sendo-lhe presente D. Domingas João, eleita pelas companheiras para ir expôr aos capitulares a sua pretenção. O geral recebeu a monja com as palavras de Christo a Cananea: *O' mulier magna est fides tuas* e n'esse mesmo anno julgou-se em acto de definitorio que o mosteiro das Reclusas ficasse acceito pela ordem dominicana. Em seguida a mesma senhora foi a primeira d'aquella communidade que recebeu o habito das proprias mãos do padre Geral da ordem. Tres annos depois estavam completas as obras de edificação. O ultimo despacho feito pelos capitulares é do seguinte theor:

«Saibam quantos as presentes letras virem, que nós Fr. Nuncio Mestre da Ordem dos Frades Pregadores, ainda que indigno e os Priores Provinciaes das Provincias de França, Romania, Allemanha, Bohemia, Polonia, Grecia, Proença, Lombardia, Inglaterra, Ungria e Dacia, todos Definidores do Capitulo Geral celebrado em Bordeos no anno do Senhor de 1287, acordamos agora e havemos por bem ratificar e com auctoridade d'estas lettras confirmar aquillo mesmo que já estava por um Capitulo Geral começado, e por outro aprovado, e julgado por conveniente e acertado, assim para augmento da Religião, como para aproveitamento das almas, em quanto toca ao requerimento das nossas Irmãs moradoras no Mosteiro da Villa de Santarem, situado fóra dos muros á porta que chamão de Manços, junto com a Irmida de Santa Maria Magdalena do Bispado de Lisboa; pelo qual pertendião ser recebidas debaixo da administração da nossa Ordem e incorporadas n'ella. E vem testemunho d'esta confirmação, que assim fazemos, eu o sobredito Mestre de parecer em beneplacito as presentes lettras fis authorisar, e corroborar com nosso Sello pendente. Dada em Bordeus no anno do Senhor, e no Capitulo Geral atras declarados. Assim mais ordenamos, queremos e outorgamos, que nem a Prioressa, nem o Convento por si, nem todas as freiras juntas em corpo de Communidade, nem cada uma, possão sem lincença do Mestre da Ordem dar, ou doar ou trocar cousa alguma que passe do valor de cinco libras da moeda Portugueza. O que

---

154 **FOLHETIM**

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 1.ª PARTE

VINGANÇA DE MAGDALENA

III

A FELICIDADE EM UMA CARTA

— Minha filha, André vae fazer por tua causa esta mesma noite um immenso sacrificio.

— Cuidas que o não conheço, Magdalena? respondeu Alexandrina suspirando. André é um excellente musico e pela sua habilidade pode ser chamado a figurar entre os primeiros compositores da nossa patria. Se como outros, cujo nome nada importa, porque sabes bem a quem alludo, não se encontra suffocado e comprimido pelo halito venenoso da inveja, meu pobre irmão chegará a ser com o tempo um digno emulo de Eslava e de Barbieri. Eis aqui por que me é doloroso vêl-o tocar n'um café, pois quanto ao mais, nada ha tão digno e louvovel como ganhar a vida honrosamente, muito mais quando os que appellam para aquelle recurso são credores da estima geral.

— Tens razão.

— Forçoso é comtudo estimulal-o, porque estamos sem lições, e por isso te agradeço muito o teres vindo com animo, de ouvil-o. Meu irmão diz-me muitas vezes que não sabes approvar o que te não parece completamente bom; ser-lhe-hão pois de muito regosijo os teus applausos. Mas dize-me, porque não vem Paulo?

— Sahiu ao noitecer com o fim de receber a retribuição dos seus trabalhos; mas estou certa de que, se não o encontrarmos já no café, não deixará por isso de procurar-nos á hora convencionada.

— Mas não virá?

—Isso é que eu não posso dizer-te.

Alexandrina mostrou-se triste e pensativa.

— Em que pensas? perguntou Magdalena.

— Não gosto que Paulo anda de noite só.

Magdalena não poude suster uma risada.

— Não te rias, disse Alexandrina, julgo Moran capaz de tudo.

— Pois se Moran é causa dos teus receios, podes estar completamente tranquilla.

— Porque? perguntou com estranheza Alexandrina.

— Pois André não te disse nada?

— O que havia de dizer? não te entendo.

— Pois eu t'o digo. Moran e John Strey foram presos.

— E' possivel?

— Sim, escuta.

Magdalena contou resumidamente a Alexandrina tudo o que tinha succedido. Ainda não tinha terminado a narrativa, quando bateram á porta. Simão abriu-a.

— Já vejo que chego a tempo, disse Paulo apparecendo no limiar.

André correu ao seu encontro e apertou-lhe affectuosamente a mão. Paulo saudou Alexandrina e Simão, beijou sua mãe e disse:

— Se André tem de cumprir a sua promessa com toda a exactidão, não devemos perder um instante, porque a hora approxima-se.

—Pois partamos, opinou Magdalena.

Alexandrina lançou um chaile sobre os hombros.

— Vamos, disse ella dirigindo ao mesmo tempo a Paulo um olhar muito amoroso.

E todos se preparavam para sair. André estava pallido; no seu gesto triste e distrahido revelava-se a contrariedade e receio que lhe causava apresentar-se ante um publico que, por pagar uma chavena de café, julga ter direito para criticar toda a gente e regular a seu capricho o reportorio do pianista. O publico do theatro vae vêr o que lhe apresentam: o que assiste ás reuniões é sempre affavel e lisonjeiro; mas o do café, pede a seu capricho, julga a seu prazer, e applaude a seu modo. André sentia um desassocego inexplicavel. Quando todos se aprompteram, deixou-os sair primeiro, como se por ser o ultimo pudesse eximir-se ao cumprimento do ajuste, depois fechou a porta e guardou a chave no bolso do casaco. Alexandrina, Magdalena e Paulo desceram primeiro. Simão e André foram os ultimos. Quando chegaram á porta da rua, os primeiros saudaram um homem que entrava ao mesmo tempo, o qual parou de repente e olhou para André.

— Senhor André, disse elle.

André reconheceu Fabiano. O novo criado do barão tirou respeitosamente o barrete.

— Vossê por aqui? perguntou o musico. Quem procura n'esta casa?

— O senhor mesmo.

— Traz algum recado do senhor Mendoza?

— Trago esta carta da parte do sr. barão.

E dizendo isto, Fabiano tirou do bolso uma volumosa carta, que entregou ao musico.

— Chama o Paulo, disse este dirigindo-se a Simão.

O tio Provincia sahiu em busca de Roberts, que já ia distante, e entretanto André rasgou o sobrescripto, tirou a carta e approximou-se do candieiro que alumiava o vestibulo e a escada. Depois de ler reprimiu um grito de jubilo.

— Tem alguma coisa que ordenar-me? perguntou Fabiano vendo que André não o despedia.

— Nada: adeus.

O criado affastou-se rapidamente. Pouco depois, voltaram Paulo e Simão. André estava attonito e com os olhos fixos no papel.

— Que é isso, André? perguntaram elles.

O musico leu por segunda vez o manuscripto, sem responder.

— Mas que diabo tens tu? insistiu Paulo.

— Vamos, André, deixa isso para logo; accrescentou Simão, tocando-lhe no hombro amigavelmente.

André correu a mão pela fronte, guardou a carta e sahindo repentinamente do seu extasis, abraçou Paulo e Simão, que o olhavam com espanto.

— Ah! exclamou André, louco de alegria, chamem minha irmã e Magdalena, porque lhes quero participar a minha fortuna.

— Que dizes? perguntou Simão, julgando que perdera o juizo.

— Vamos, André, accrescentou Paulo, saibâmos o que diz essa carta.

André tirou-a do bolso e dispoz-se a ler o conteúdo. Paulo e Simão consultaram-se com o olhar. N'este momento appareceram Alexandrina e Magdalena, as quaes, cançadas de esperar no meio da rua, haviam resolvido averiguar por si mesmas a causa da demora.

— Venha cá, venha cá, minha querida Magdalena, e dê graças a Deus pela felicidade que nos envia. Já não vamos ao café mas sim a sua casa ou á minha, que está mais proxima, e depois Paulo sahirá commigo.

— Para onde? perguntou com surpreza Magdalena.

E aproximando-se de seu filho, accrescentou sem que os dois irmãos ouvissem:

—Meu filho, presinto uma desgraça.

— Tambem eu, minha mãe.

— Meus amigos, disse André, oiçam o conteúdo d'esta carta.

«Meu querido amigo: acabo de receber carta de Fanny em que me pede algumas peças de musica hespanhola, e como creio que sendo originaes as suas hão de ter muito mais merecimento, rogo-lhe que escreva as que quizer e me remetta as que possuir, acceitando desde já, como adiantamento, os cinco bilhetes que lhe envio. — *Barão da Soledade.*»

— O barão está em Madrid? perguntou Paulo.

— Bem o vês, disse André.

E tirou cinco bilhetes do banco cujo valor subia a vinte mil reales. Paulo examinou-os e entregou-os em silencio a Magdalena. Esta leu em todos a mesma quantia e deu-os a Alexandrina. Simão tambem quiz vel-os, e emquanto enxugava furtivamente duas lagrimas, devolveu-os a André, acompanhando-os d'estas palavras:

— Meu filho, só grato a quem tão generoso é comtigo, e a tua felicidade será ainda maior que a alegria que sentes n'este momento.

(*Continua.*)

entendemos assim de bens moveis, como de raiz; e assim dos que pertencem ao commum do Convento, como dos que as Donas ou Soróres em particular possuem para suas carencias, por licença de seu Prior ou Vigario. E n'este caso, que a nós reservamos, poderá tambem dispensar o Padre Provincial, ou qualquer outra pessoa que nossa communicação tiver.»

A egreja é extremamente simples e destituida de obras d'arte. Tem apenas tres altares. Foi mandada construir exclusivamente a expensas de D. Estevainha Pires de Casevel, que ainda depois da sua morte, legou quinhentas libros, para a sua conclusão, sendo sepultada na capella-mór.

Crimes horrorosos. —Temos hoje alguns pormenores á cerca do crime commettido em Macedo de Cavalleiros, de que hontem démos uma rapida noticia:

José Antonio, o infeliz septuagenario, seguia muito tranquillamente para Corujas, quando de repente lhe appareceu seu sobrinho Alvaro Augusto, de 24 annos, que tentava dissuadil-o do projecto, que o pobre velho tinha, de contrahir matrimonio, pois que, a realisal-o, deixaria aquelle mau parente de herdar o que elle possuia.

José Antonio não o quiz attender e o Alvaro descarregou-lhe na cabeça duas fouçadas, rachando-lh'a de meio a meio. Não satisfeito, o malvado vibrou-lhe ainda algumas facadas, cortando-lhe depois o pescoço, e em seguida evadiu-se. A auctoridade judicial partiu para o lugar do crime, a fim de proceder á autopsia ao cadaver. Foi então que o facinora cahiu em poder da policia, recolhendo á cadeia, como hontem já noticiámos.

*

Um pastor de Vimioso foi encontrado morto dentro da sua cabana, com o cabeça quasi separada do tronco. O crime é attribuido a dois individuos que já estão presos e julga-se que foi uma questão de ciumes que o originou.

Despachos de justiça —Verificaram-se os seguintes:

Bacharel Manuel de Beires, juiz presidente do tribunal do commercio do Porto transferido, por haver completado seis annos de serviço, para o logar de juiz de direito da comarca do Peso da Regua.

Bacharel Augusto da Cunha Pimentel, juiz de direito de 1.ª classe, que servia o logar actualmente supprimido de auditor especial junto do ministerio da guerra, nomeado juiz presidente do tribunal do commercio do Porto.

Bacharel Alexandre de Sousa e Mello, juiz de direito da comarca de Villa Nova de Famalicão, transferido, como requereu, para a comarca de Aveiro.

Bacharel Augusto da Costa Russel Cortez, juiz de direito da comarca do Peso da Regua, transferido, como requereu para a comarca de Villa Nova de Famalicão.

Bacharel Agostinho de Sousa Coutinho, delegado do procurador regio na comarca de Cintra, nomeado secretario da procuradoria regia junto da relação de Lisboa.

Bacharel José Francisco Trindade Coelho, addido á magistratura do ministerio publico, nomeado delegado do procurador regio na comarca de Cintra.

Arthur de Mesquita Guimarães, nomeado sub-delegado do procurador regio na comarca de Cabeceiras de Basto.

Francisco Ramos da Cruz, idem na comarca da Figueira da Foz.

Manuel Bento da Rocha Peixoto, idem na comarca da Ponte da Barca.

Bacharel Francisco Luiz de Castro Soares da Cunha Rego, exonerado, como requereu, do logar de juiz municipal do julgado de Mourão, na comarca de Moura.

Antonio Raymundo Peres e Florencio Godinho Cabral, nomeados para servirem por tres annos, e segundo a ordem das suas nomeações, os cargos de substitutos do juiz municipal do julgado de Ferreira do Zezere, na comarca de Thomar.

Joaquim Manuel Vieira, nomeado para o officio de tabellião de notas do supprimido jugado de Aldeia Gallega da Merceana, na comarca de Alemquer.

José Pereira Quaresma de Figueiredo, exonerado, como requereu, do logar de juiz de paz do districto de Coja na comarca de Arganil.

João Belisario Leão, idem do districto de Bragança, na comarca do mesmo nome.

Francisco Manuel Cardoso, nomeado para servir no biennio de 1895 a 1896 o logar de juiz de paz do districto de Extremoz, na comarca do mesmo nome.

Francisco Furtado, idem do districto do Crato, na comarca de Niza.

José Antunes de Sousa, exonerado do logar de juiz de paz do districto de Amarelleja, na comarca de Moura, por haver mudado de residencia.

Antonio Garcia Salgueiro, nomeado para servir no biennio de 1895 a 1896 o logar de juiz de paz do districto de Amarelleja.

Adriano Vieira da Silva Lima, idem do districto de Santo Ildefonso, na 1.ª vara da comarca do Porto.

Antonio Alves Ferreira, exonerado como requereu, do cargo de primeiro substituto do juiz de paz do districto do Seixal (Nossa Senhora da Conceição na comarca de Almada.

Francisco José Freire de Araujo e Lima, exonerado, como requereu, do officio de escrivão do juizo de paz do districto de Gondoriz, na comarca dos Arcos de Valle de Vez.

Eduardo João da Silva, nomeado para o officio de escrivão do juizo de paz do districto de Gondoriz.

Arthur Mendes de Almeida, idem do districto de Celorico da Beira, na comarca do mesmo nome.

Bacharel Guilherme Quillinan da Silva Machado, nomeado precedendo concurso, para o logar de amanuense do supremo tribunal de justiça.

José Joaquim Pinto, continuo do supremo tribunal de justiça, nomeado, precedendo concurso, para o logar de porteiro archivista do mesmo supremo tribunal.

Troupe Lusitana de «Walking Race.» — Fundou-se em Lisboa uma *troupe* com este titulo com o fim de dar nos arrabaldes de Lisboa passeios pedestres e fluviaes, assim como bailes na sua séde, etc.

Os premios conferidos nos passeios pedestres, dos quaes o primeiro deve realisar-se no dia 5 de maio, são os seguintes: 1.º Medalha de prata; 2.º Medalha de cobre; 3.º Menção honrosa; 4.º Menção de socio protector; 5.º Menção de socio honorario; 6.º Voto de louvor. Para os passeios fluviaes, dos quaes o primeiro terá logar em principio de junho, os premios são dois: medalha de prata e medalha de cobre. Os distinctivos que indicam ao peito de cada *walkir* as menções são as seguintes: Menção honrosa, fita azul; Menção de socio protector, fita verde; Menção de socio honorario, fita encarnada; Menção de louvor, fita azul e branca. Os directores levarão como distinctivo, no braço direito: o do 1.º turno uma fita verde e o do 2.º uma encarnada. Na reunião de hontem procedeu-se ás eleições, ficando assim constituidos os corpos gerentes: Directores, do 1.º turno, João Borges, e do 2.º Epiphanio Matta. Substitutos, do 1.º turno, Henrique de Lemos; e do 2.º Manuel de Freitas. Inspector da *troupe* e distribuidor dos premios Antonio do O' da Silva. Thesoureiro José Joaquim da Cruz.

Os Dois Orphãos.— Recebemos dos editores srs. Belem & C.ª, de Lisboa, as cadernetas n.ºs 7 e 8, do ultimo romance produzido por Adolphe d'Ennery, — *Os Dois Orphãos* — cujo resumo do entrecho é como segue:

Em uma das estradas mais accidentadas da Vendée avança a custo uma carriola desconjunctada, dentro da qual brincam duas encantadoras creanças de quatro annos. Aos lados caminham despreoccupadamente um homem, uma mulher, e um rapazete dos seus doze para treze annos. Eis-nos em presença do saltimbanco Guilherme, de sua mulher Manette, e de Belphégor seu filho e herdeiro presumptivo; as duas creanças, que riem debaixo do toldo da carriola, são as pequeninas Sylvia e Magdalena, a filha do palhaço, e a filha do marquez de Montbazon...

Aqui e alli surgem, por detraz das moitas e dos penhascos, as cabeças dos soldados republicanos, e as dos guerrilheiros realistas, que se espreitam reciprocamente, procurando uma occasião propria para se exterminarem, sem se lembrarem de que nos dois campos corre o mesmo sangue generoso de francezes... Hoche e Charette queimam os ultimos cartuchos n'aquella guerra sacrilega de irmãos. Uma das guerrilhas realistas é commandada pelo marquez de Montbazon, que deixou a terra da emigração, e entrou de novo em França, com o fim ostensivo de combater as hostes republicanas, mas mais ainda com a intenção reservada de procurar a filhinha querida, que quer encontrar a todo o transe. E essa guerrilha está abrigada em uma especie de fortaleza natural, que é separada do acampamento dos saltimbancos apenas por uma distancia de algumas centenas de metros...

—

Os editores continuam a receber assignaturas para esta publicação.

Nova Bibliotheca Economica.—A nosso ver, de toda a série de excellentes romances que esta *Bibliotheca* tem publicado, é o n.º 11 o mais sensacional de todos. *Um drama nas minas*, se intitula elle; é seu auctor Mauricio Falmeyer, e foi excellentemente traduzido pelo sr. Alfredo Sarmento.

Drama se intitula, e verdadeiramente é um drama. Nas entranhas da terra passam-se scenas de amor que depois se repercutem em lances sociaes de primeira grandeza. Um crime é redimido pelo arrependimento, mas de uma fórma tão brilhante, que prende o sentimento e commove até ás lagrimas. Depois, o *Drama nas minas* é o que não costumam ser os livros d'esta natureza: é um primor litterario! E vende-se por 100 réis—341 paginas!! —no escriptorio da empreza, Travessa da Queimada, n.º 35, Lisboa.

São já 11 os romances publicados, todos curiosos, todos interessantes; mas a empreza aprimorou a escolha nos ultimos, e o *Drama nas minas* constitue um verdadeiro acontecimento no seu genero.

PELO ESTRANGEIRO

O casamento da princeza Helena. — Em algumas cidades de Italia têem-se aberto subscripções para a offerta de brindes á noiva do duque de Aosta. Em Florença, as classes populares accorreram ao local da subscripção a fim de depôr em uma urna as suas modestas offerendas, e inscrever-se em um registro que será entregue á princeza Helena. Logo que se fechou a subscripção, abriu-se a urna e viu-se que havia n'ella, só em miudos, 10:000 liras (réis 2:000$000).

A rainha Victoria; a partida de Nice. — Como transmittiu o telegrapho, a rainha Victoria partiu de Nice no dia 23 em direcção á Allemanha. A respeito da partida da soberana ingleza, dá um jornal francez os seguintes pormenores:

«Pouco antes das 10 horas, a rainha, a princeza Beatriz e o seu sequito deixaram o hotel Cimiez. A guarda de honra apresentou as armas e a charanga dos caçadores alpinos tocou o hymno inglez. Do hotel Cimiez até á estação, o coche da rainha foi escoltado por gendarmes e artilheiros a cavallo, indo ao estribo diversos officiaes. Na estação, achava-se um batalhão de linha, que apresentou armas, ao mesmo tempo que a musica do mesmo regimento tocava o *God save the Queen*. A rainha apeou-se da carruagem e dirigiu se para o caes apoiada a uma bengala e tambem ao hombro de um cipayo. Depois dos cumprimentos do estylo por porte das authoridades francezas, o comboyo partiu por entre as saudações dos que se achavam na *gare*.

Os marechaes de França.—Com a morte do marechal Canrobert extinguiu-se a dignidade dos marechaes de França. Os historiadores não estão d'accordo sobre a origem d'esta instituição, nem mesmo sobre o seu numero, mas parece que o primeiro marechal de França foi o marechal Pierre, nomeado por Philippe Augusto em 1785. A dignidade não teve a principio mais do que um titular, mas de S. Luiz a Francisco I o numero dos marechaes foi fixado em dois. Francisco I elevou-o a tres, Henrique II a quatro e os Estados de Blois, reunidos em 1577 limitaram-nos em quatro tambem.

Henrique IV, Luiz XIII, Luiz XIV excederam este limite e em 1703 o numero dos marechaes chegou a vinte. Os marechaes de França foram supprimidos em 1792, mas Napoleão creou novamente a instituição em 19 de maio de 1804. A lista de todos os individuos que tem chegado a occupar tão alto cargo é muito longa. Basta dizer que Luiz XIV nomeou durante o seu reinado 19 marechaes, a saber: o duque d'Harcourt, o duque de Noaille, de Nicolai, o duque de Fitz James, o conde de Noailles, o duque de Duras, o conde de Muy, o marquez de Segur, o conde de Maily, o marquez d'Aubeterre, o principe de Beauveau Craon, o marquez de Castries, o duque de Montmorency-Lavae, o duque de Choiseul-Stainville, o marquez de Levis, o barão de Lucker e o conde de Rochambeaux. Quando se restabeleceu o marechalato a 19 de maio de 1804, Napoleão I fez uma promoção de 18 marechaes: Bertgier, Moncey, Massena, Murat, Jourdan, Auperean, Bernardott, Brune, Mortier, Lannes, Soult, Ney, Davout, Kellermai, Bessieres, Perignon, Lefevre, Securier. Sete outros mais foram nomeados successivamente por Napoleão I: Victor em 1807, Macdonal, Marmout Oudinot, em 1809; Suchet em 1811; Gouvin Saint Cyr, em 1912; Bonia towski, em 1813! Luiz XVIII creou seis marechaes: o duque de Coigny, o marquez de Beurnouville, Clary duque de Feltre, o marquez de Viomenil em 1817, o marquez de Lauriston e Molitor em 1823. Sob o reinado de Carlos X, tres logares tenentes generaes foram elevados á dignidade de marechaes de França: o principe de Hahenlohe em 1627, Maisoni em 1827 e Bourmont em 1830. Luiz Philippe nomeou dez e a Republica de 1848 só creou um, o principe Jeronimo Bonaparte, antigo rei da Westphalia, irmão de Napoleão I. Napoleão III fez dezoito marechaes, entre elles o velho Canrobert que falleceu ha pouco. Quatro marechaes de França foram elevados em razão dos seus eminentes serviços a uma dignidade que lhes dava a preferencia entre os seus collegas, a de marechal general dos campos e exercitos do rei: Turenne e Villars no tempo de Luiz XIV, o conde de Saxe no de Luiz XV, e Soult no de Luiz Philippe. Actualmente não ha em França nenhum marechal, mas muitos generaes d'aquelle paiz exerceram commandos que os collocam nas condições exigidas para figurar na lista dos mais altos dignitarios do exercito francez. São generaes Madmirautt, Exea, Bourbaki, Prochu Colomb, Forgemol, Bost quenard, Billot, Saussier, Warnet, Jamont, que foram commandantes em chefe durante o tempo de guerra, quer na campanha franco-allemã, na Algeria, na Tunizia e no Tonkin.

As festas de Kiel. — A imprensa allemã já publicou o programma das festas que se hão-de realisar por occasião da inauguração do canal dos dous mares. As festas começarão em 19 de junho em Hamburgo com um passeio pelo porto e pelo Elba. A' noite, a velha cidade hanseatica offerecerá nos paços municipaes um banquete ao imperador e aos principes allemães e estrangeiros. O banquete será seguido de uma festa nocturna na doca de Alster. A's 11 horas da noite, o imperador Guilherme, os outros soberanos, principes e seus sequitos, embarcarão no Elba, e precedidos no *yacht* «Hohenzollern», descerão o rio, entrando no canal dos dous mares pelas 3 horas da manhã. O *yacht* e os vapores serão seguidos de avisos destacados das esquadras representando as diversas nações convidadas á inauguração do canal. O cortejo naval, que não terá paragem alguma, chegará a Holtenau, perto de Kiel, ás 6 horas da manhã. Na noite de 20 de junho haverá em Kiel, em honra dos officiaes estrangeiros, um baile maritimo, para o qual se distribuirão 3:000 convites. Simultaneamente com o baile, haverá uma grande festa no sitio denominado Bellavista para os que não tenham recebido convicte para o baile. No dia seguinte, pela manhã, haverá uma excursão por mar ao pharol que fica perto de Holtenau, sendo n'aquelle sitio collocada a ultima pedra das obras do canal. As festas terminarão em 22 de junho com manobras navaes.

Quéda desastrosa.— Dizem de Roma que o conde Victor de Mirafiori, neto do rei Victor Emmanoel, por casamento morganatico, acaba de ser victima de um grave accidente, que pôz em perigo a sua existencia. O conde Victor foi cuspido da sella por um cavallo, quando andava em exercicio de salto de obstaculos. Examinado pelos medicos, estes observaram que havia uma fractura no craneo e outra na columna vertebral. O conde Victor de Mirafiori tem 22 annos de idade e é tenente no regimento de cavallaria Real Piemonte, de guarnição em Turim.

Fenomeno celeste.— Em San Sebastian algumas pessoas foram testemunhas oculares de um fenomeno celeste; a passagem de um bolide pelo espaço, na direcção de oéste a léste. A luz que produziu parecia a de um fogo de Bengala; quando a luz se extinguiu, ouviu-se uma forte detonação, julgando muita gente que o bolide explodira dentro da povoação. Déra se isto pouco depois da meia noite. Um sereno, que ouviu a explosão, correu seguido de muita gente para o sitio onde se suppunha que occorrera, mas nada se encontrou, apesar das investigações feitas. Ao que parece, a explosão do bolide deu-se a maior distancia de San Sebastian.

Uma nova capital. — Trata-se de Buluwayo, a capital da recente conquista ingleza na Africa do sul. Segundo um recenseamento feito ultimamente, a população de Buluwayo compõe-se já de 1:537 habitantes pertencentes ás seguintes nacionalidades: inglezes, 882; escossezes, 7; coloniaes, 299; allemães, 108; americanos, 33; norueguezes, 5; portuguezes, 3; russos, 23; dinamarquezes, 8; polacos, 15; austro-hungaros, 7; suecos, 11; suissos, 2; gregos, 4; francez, 1; matabele, 1. Um só matabele na cidade edificada na antiga aringa do régulo Lobengula. Não se sabe a que é devida tão generosa hospitalidade por parte dos agentes de Cecil Rhodes.

O salão do Campo de Marte.—Realisou-se no dia 24, em Pariz a denominada *vernissege* do Salão do Campo de Marte, que, como nos mais annos, teve uma enorme affluencia, apesar do dia se ter apresentado um pouco sombrio. Nas primeiras horas da *vernissege* entraram no Salão mais de 5:000 pessoas. Entre esta chusma de visitantes, salientou-se a actriz Sarah Bernhardt. A multidão estacionava de preferencia diante das obras de Puvis de Chavannes Rodin e do esculptor Charpentier. O pintor hespanhol Gandara foi muito cumprimentado pelo seu retrato de Sarah Bernhardt.

A navegação no golfo de Riga. — Segundo participam de S. Petersburgo, é tal a accumulação de gêlo no golfo de Riga, que impede alli a livre navegação. Varios vapores tiveram que adiar a partida e esperar que o gêlo desappareça. O governo russo enviou navios quebragêlos para remover taes obstaculos.

Legados importantes. — Ultimamente falleceu em New-York o medico dr. Alfredo Leomis, que deixou uma fortuna de mais de 1.000:000$000. No seu testamento Alfredo Leomis legou ao laboratorio chimico de New-York 14:000$000 réis, e á Academia de Medicina da mesma cidade 9:000$000, cujos rendimentos serão empregados em proporcionar distracções sociaes aos membros d'aquella Academia.

— Tambem em Vienna falleceu um tal Joseph Treit, que possuia uma fortuna consideravel e que a deixou á Academia das Sciencias d'aquella capital, com o fim de ser distribuido, com os rendimentos, um certo numero de premios a trabalhos que se relacionem com qualquer ramo da sciencia.

O canal dos dous mares. — Realisou-se ultimamente o trajecto completo do canal do Baltico ao mar do Norte pelo aviso da marinha imperial allemã *Jagd*. O trajecto fez-se sem incidente algum. A bordo achavam-se o principe Henrique da Prussia e os commandantes dos couraçados que estão ancorados em Kiel.

A esquadra russa que será enviada a Kiel, comprehenderá os couraçados *Alexandre II*, *Burick* e *Groziaschy*, pertencendo o commando ao cantra-almirante Skrydlow, conhecido pela sua amisade á França. A Turquia será representada por um cruzador.

Envenenamento pelo abuso do tabaco. — O abuso do tabaco produz graves perturbações chronicas e agudas. O dr. Faverger, de Vienna d'Austria, notou que a autopsia revelava a degeneração gordda do coração. Este clinico distingue quatro classes de fumadores.

1.ª Os que engolem o fumo. N'este caso a nicotina obra sobre a mucosa pulmonar e não sobre a mucosa do estomago, pois os fumistas d'esta classe *inhalam* o fumo e não *engolem*, como lhes parece.

2.ª Os fumadores que apenas aspiram o fumo. N'estes a acção da nicotina limita-se á pharynge e á larynge.

3.ª Os fumadores que conservam o cigarro ou charuto constantemente na bocca. Estes absorvem com a saliva uma grande porção de nicotina que actua sobre o estomago.

4.ª Os fumadores que usam de boquilha.

Eis os meios de evitar o nicotismo chronico:

1.º Nunca fumar em jejum, de modo a limitar o numero de charutos ou de cigarros, a fazer actuar a nicotina quando o estomago está cheio, e a aproveitar a acção anti-microbica do acido tanico contida no vinho tinto, chá, café, etc.

2.º Não conservar o charuto ou cigarro na bocca por muito tempo.

3.º Renovar e limpar a miudo as boquilhas.

4.º Alternar com charutos fortes os charutos fracos.

Segundo o dr. Faverger o melhor antidoto da nicotina é o acido tanico. O opio e o iodoreto de potassio tem sido administrado nos casos em que o tabaco ataca a vista—*Amblyopia tabacica*.—A atropina é um antidoto physiologico da nicotina. Os que mascam o tabaco são atacados por vezes de uma verdadeira *cholera tabacica*, cujos symptomas são os vomitos e dysenteria. Alem da nicotina o tabaco contém outros alcaloides prejudiciaes e productos cyanicos, muito nocivos ás funcções do organismo.

Arvore notavel.—N'um artigo do *Naturalist's Jornal*, o doutor Harrisson descreve um carvalho que encontrou n'uma floresta do West Riding e ao qual não conhece rival. Esta arvore veneravel, cuja idade é difficil de avaliar com precisão, mas que deve ter sido contemporanea dos antigos bretões, possue um tronco cuja circumferencia é de 26 metros junto ao chão e de 16 metros á altura d'um homem. Hoje está tão oco que accommoda muitas pessoas na sua parte interior. O prior d'uma freguezia visinha acompanhado pelo sachristão e pelos meninos da sua escola, que são em numero de noventa e cinco, escolhe muitas vezes o velho carvalho para termo dos seus passeios. Todos se alojam no interiar do carvalho e cantam-se hymnos n'esta capella natural.

Contra o tabaco.—Em Pariz reuniu ultimamente a Sociedade contra o abuso do tabaco, a fim de distribuir varias recompensas. O dr. Gelineau, secretario da Sociedade, leu o relatorio sobre os trabalhos realisados, e do qual extratamos o seguinte:

«A nossa cruzada, apesar de certos gracejadores, não é tão esteril como se pensa. O uso do rapé diminue, cada vez mais, e os vendedores de tabaco e de caixas de rapé queixam-se d'isso amargamente. Quanto ás caixas de rapé só apparecem nas *vitrines* dos vendedores de *brice-abrac*, como curiosidades.»

Não falta, porém, quem affirme que se tem diminuido o consumo do rapé é porque este perdeu de moda, pois o consumo do tabaco de fumo tem augmentado em lugar de diminuir.

Varias noticias. —Inaugurou-se ultimamente em Madrid o primeiro centro catholico operario, sob a presidencia do bispo d'aquella diocese, que pronunciou um discurso á cerca da questão social.

— O duque de Orléans, depois da sua viagem por Portugal e Hespanha, regressou já a Stowe-House, tendo sido visitado em Londres pelo duque de Aosta.

— Falleceu em Pariz Pierre Zaccone, romancista que teve a sua epoca de celebridade e que foi presidente da Sociedade dos Homens de Lettras, de Pariz.

COMMUNICADOS

S. Gião 27—4—95.

Sr. redactor. — Em o n.º 4461 do *Campeão das Provincias*, vem inserta uma carta como que escripta de S. Gião, e *firmada* apenas por um Z.

Principio por affiançar, a v., sr. redactor, que ninguem d'esta freguezia a escreveu, ou endereçou a essa illustrada redacção. Para o provar, basta ver como o seu auctor ignora quasi em absoluto, os factos que se passaram em novembro ultimo entre as povoações de S. Gião e Rio de Mel. Accordou tarde o defensor officioso d'este ultimo povo!

Z. accusa sem o menor escrupulo os srs. Francisco de Paula e Antonio de Barros, dois respeitabilissimos cavalheiros, que, pela sua educação e honestidade, estão muito fóra do alcance da sua verrinosa e fementida accusação. Descendentes das prestigiosas familias Paula Magalhães, de S. Gião, e Moura Portugal, do Rio Torto, não podiam estes senhores deixar de herdar a nobreza do seu caracter e a fidalguia do seu sangue, qualidades a que toda esta zôna da Beira presta homenagem. A aggressão covarde de que foram victimas, póde, talvez, ter a seguinte explicação:

Os habitantes de Rio de Mel, são de demasiada boa fé, o que se chama uma pobre gente... e o conhecimento geral d'esta qualidade foi o que decerto levou algum explorador de presentes, algum *pápa-chibos*, *mel*, *azeite*, etc., a ludibriar os pobres incautos, que a troco de verem o *seu nome* em letrinha redonda, vão *cahindo* com estes generos, emquanto Z. vae chamando tudo ao bucho, entre sorrisos pela palermice de alguns pacovios...

O que é certo, é que a povoação de S. Gião não foi tal invadir a propriedade alheia; foi sim procurar regatar o que a pouco e pouco lhe ia sendo extorquido pelos moradores de Rio de Mel, que de anno para anno vinham manhosamente alargando os seus dominios particulares pelos baldios d'esta freguezia, ameaçando esse abuso successivo um alto prejuizo para os seus habitantes. Esta povoação foi alli no uso do seu legitimo e secular direito, e quando o governo mandar fazer a divisão d'esses baldios, e talvez mesmo antes d'isso, então se verá quem tem invadido a propriedade alheia, e veremos quem tomará posse de certos *bocadinhos* de terra que de baldios que eram (e são) teem sido transformados em propriedade particular... Tenham os de Rio de Mel a certeza de que esse abuso vae terminar por uma vez.

Para se apreciar a consciencia com que escreve o sr. Z, (é a inicial de Zoilo...) que não tem a coragem de assignar o seu mentiroso communicado, basta sómente ponderar que entre uma porção grande de processos que foram instaurados sob queixa das duas povoações, e alguns já julgados, em nenhum d'elles figuram como réus os srs. Paula e Barros, de onde facilmente se conclue que os queixosos de Rio de Mel não teem estes senhores como incitadores d'aquelle movimento, que aliás foi filho de um direito incontestavel.

Por tudo isto não deixâmos de pedir tambem justiça á auctoridade respectiva e ella nos será feita.

Os nossos amigos, que recebam parabens, que teem toda a razão de lhe ser dados visto que accusações calumniosas, e demais a mais anonymas, elevam tanto mais, se é possivel, a consideração pelo seu caracter, quanto se enlameia o seu detractor pouco escrupuloso e insensato.

Arthur de Brito.

SECÇÃO AGRICOLA

PROTECÇÃO ÁS AVESINHAS

Estamos em plena primavera. As arvores começam a cobrir-se de deslumbrantes flores, embalsemando os ares com os mais finos e suaves perfumes, e todas as aves, entoando doces canticos de amor, afadigam-se na construcção dos ninhos, fofo berço onde criarão os futuros filhos, que hão de ser a alegria dos campos e os incansaveis desvastadores de milhões de insectos, molluscos, vermes e numerosas sementes de plantas nocivas á agricultura. E' portanto chegada a occasião de recommendar calorosamente a todos os lavradores, a todos os que teem amor sincero pelos vegetaes, que protejam as pequeninas aves especialmente as insectivoras, e que não consintam que os ninhos sejam assaltados e a criação aniquillada. Já basta o largo destroço que a aspereza do inverno, as armas de fogo, as armadilhas, o visco, as aves de rapina, e, muito peor que as aves de rapina, os gatos domesticos constantemente entregues á caça, fizeram até agora no nosso pequenino mundo alado; urge pois que se procure obstar a que de abril a julho o rapasio da aldeia empregue os dias santificados em procura de ninhos, que vandalicamente destroe, sem se lembrar que a morte de cada uma das indefesas avesinhas representa a perda de magnificos fructos a diminuição no rendimento dos cereaes devorados por innumeravel quantidade de larvas que a ave tinha por tarefa caçar para alimentação propria e dos filhos. Cada ninho destruido representa, portanto, a vida assegurada a milhares de microscopicos seres maleficos, que só a ave vê, que só a ave caça, sêres que n'um trabalho voraz e constante dão a morte aos mais fortes colossos das florestas.

Se as aves trepadoras como os *Petos* e as pequeninas *Trepadeiras* se afadigam a percorrer sem descanço os troncos das arvores batendo-lhe cuidadosamente a casca com o bico, é só para procurar os insectos que sob ella se escondem e que são a ruina do arvoredo. Se as aves insectivoras como as *Alveolas* ou *Cavandiscas*, *Piscos*, *Chascoe*, *Soutinegras*, *Rouxinoes*, *Carriças*, *Tanjarros* e muitas e muitas outras, seguem o lavrador nos seus trabalhos agricolas, não é pelo prazer da sua companhia, por melhor e mais captivadora que ella possa sêr, mas sim para apanhar as pequenas larvas, os insectos e os vermes que elle põe á descoberta revolvendo a terra; e se mais tarde, sementeiras nascidas, são vistas sempre entre as plantas novas, examinando-as com cuidadosa attenção, não é para lhes fazer o mais insignificante mal, mas sim para as limpar das larvas dos variados insectos que as atacam.

Se as *Andorinhas*, as gentis mensageiras da primavera, e os *Ferreiros* ou *Guinchos* recortam o ar em constante e infatigavel vôo, não é por mero divertimento, mas sim para caçar a enorme alluvião de pequeninos insectos alados que nos envolvem; sem ellas, sem o seu bom auxilio, seriamos litteralmente devorados pelas moscas, pelos mosquitos e, em especial, pelo terrivel e intoleravel trombeteiro.

Finalmente, se as *Corujas*, os *Mochos* e os *Corujões* ou *Buffos*, vêem, alta noite piar junto das habitações e dos celleiros, não é annunciado más novas como o vulgo estupidamente acredita, mas sim para caçar os pequenos roedores e os grandes insectos nocturnos, livrando assim o lavrador de tão damninhos inimigos. Quando todas as outras aves dormem, vigiam as corujas e os mochos, d'entre todas as mais uteis e as que melhores e mais constantes serviços prestam ao agricultor. Destruir os ninhos de todos estes prestantes auxiliares dos agricultores é um crime que merecia ser severamente punido; mas já que a lei se tem esquecido d'este importante assumpto, seria de desejar que a iniciativa particular viesse em auxilio das pequeninas aves dando lhe uma protecção que as leis e as auctoridades lhe recusam.

Existe entre nós uma sociedade protectora dos animaes domesticos, cujo fim é louvavel, pois é bello, é honroso, e é digno reprimir e impedir os maus tractos de que são constantemente victimas os animaes domesticos; mas as pequenas avesinhas que prestam tantos ou mais serviços que elles, mereciam tambem ser protegidas e defendidas. Se a sociedade alargasse a sua esphera de acção, incluindo no seio benemerito programma a protecção as avesinhas, emprehenderia a mais benefica o util das suas obras boas. Se os parochos das aldeias nas predicas á hora da missa, fizessem vêr aos seus freguezes para que servem as pequeninas aves que enchem os campos de melodias, lhes apontassem os largos beneficios que ellas prestam, e lhes dissessem que o mais facil e seguro meio de combater as legiões de microscopicos parasitas animaes que de dia a dia invadem as culturas, era proteger as aves uteis, melhor que ninguem podia obstar ao destroço dos ninhos, salvando assim milhares de boas avesinhas que já vão rareando nos campos, com evidente prejuizo da lavoura. Uma campanha em favor de tão santos auxiliares do lavrador, seria entre nós uma das mais santas e das mais valiosas de todas as propagandas e que muito beneficiaria a agricultura portugueza.

Eduardo Sequeira.

*

NOVO TRATAMENTO DO MILDIU

Os srs. Léon Joné, professor especial de agricultura, e E. Crouzel, pharmaceutico, preconisam no tratamento do *mildiu* o emprego do cobre sob a forma de tannato de cobre, o qual não tem, como a calda preparada com a cal, o inconveniente de entupir os pulverisadores. O processo de preparação do tannato de cobre, muito simples e ao alcance de todos os viticultores, consiste em fazer ferver 20 kilogrammas de casca de carvalho ou 10 kilogrammas de casca de pinheiro das Landes, grosseiramente contundida em 50 litros de agua durante uma hora, tendo o cuidado de substituir, de quando em quando, a agua que se vae evaporando. Passado este tempo, deixa-se o liquido em repouso e depois decanta-se, juntando-lhe em seguida 1 kilogramma de sulfato de cobre, previamente triturado ou solvido em dois ou tres litros de agua, tendo o cuidado de agitar para se obter uma mistura perfeita. Na occasião do emprego, que se faz do mesmo modo que para a calda bordaleza, dilue-se a mistura em 50 litros de agua. Este preparado tem sobre a calda bordaleza as vantagens seguintes:

1.º O tannato de cobre é tão leve e tão dividido, que não obstrue tão depressa os instrumentos;

2.º A acção d'este sal sobre o parenchyma das folhas mais novas e mais tenras é inapreciavel, o que se póde explicar pela natureza de origem organica do acido tannico (tannino).

Não deve por conseguinte embaraçar em coisa alguma as funcções das folhas, visto que, pelo desenvolvimento d'estas, a camada d'esse sal greta-se e fórma sobre a superficie pequenas ilhotas bastante aproximadas para impedir que o *mildew* se desenvolva, e sufficientemente distantes para deixar de obstruir um numero consideravel de estames.

3.º As sulfatagens não carecem por conseguinte de serem repetidas tantas vezes, do que resulta economia de tempo e de producto.

4.º A calda tanno-cuprica introduzida no lagar pelas uvas tratadas não vae empobrecer os vinhos em tannino, como acontece com a calda bordeleza e as outras preparações cupricas contra o *mildew*, porque se o cobre não passa ao vinho, é porque é precipitado pelo tannino contido n'este.

A introducção d'este producto no vinho não poderá portanto destruir a harmonia dos seus elementos, o que é uma vantagem de muito alcance. Convem observar que o tratamento pela calda tanno-cuprica é sómente *preventivo*, isto é, não cura a molestia, mas impede a sua propagação. Deverá ser effectuado em varios periodos; o primeiro, quando os novos rebentos tiverem 8 a 10 centimetros de comprimento; o segundo, logo depois da floração completa, e o terceiro em miados de julho, augmentando-se meio kilogramma na dose do sulfato de cobre.

A calda tanno-cuprica, segundo o sr. Joné e Crousel, conviria tambem para o tratamento do tomate, das batatas, e de outras plantas herbaceas. Com effeito, esta preparação não tem acção sobre as superficies particularmente sensiveis aos tenase chimicos.

SECÇÃO LITTERARIA

UM BOM FILHO

— Que edade tens, pequeno?

— Oito annos.

— Andas na escola?

— Ando, sim, senhor.

— Que profissão queres seguir?

— Desejava ser padre.

— Padre? para quê?

— Para sustentar minha mãe e dizer missa por sua intenção.

— E's muito amigo de tua mãe?

— Muito.

— Porquê?

— Se não fosse ella, ou eu teria morrido ou seria um desgraçado.

— Então o teu pae?

— Ora, o meu pae está sempre a bater em minha mãe e em mim.

— Porque te bate elle?

— Não digo, oppõe-se a isso minha mãe.

— Dize, que eu não lhe conto.

— Isso era muito bonito! Minha mãe a trabalhar para me sustentar, e eu, em paga, a dizer uma cousa que ella não quer que eu diga.

— E tu não a ajudas?

— Em quê? A' noite vou buscar uma cantarinha d'agua ao Cadouço, o unico serviço que posso fazer.

— E se fosses padre levavas teu pae para casa?

— E porque o não havia de levar? Não é elle meu pae?

— Como te bate tanto!...

— Isso é com elle, não é comigo. Não devo apreciar mal os actos de meu pae.

— E se elle em tua casa batesse sem razão em tua mãe?

— Podia lhe que não fizesse tal.

— E se elle teimasse?

— Teimava eu em pedir lhe.

— E se elle não se importasse com os teus pedidos?

— Dizia a minha mãe que tivesse paciencia.

— Teus mais irmãos?

— A minha Anniquinha.

— E' mais nova do que tu?

— Tem quatro annos.

— Que officio é o do teu pae?

— Sapateiro.

— Trabalha todos os dias?

— Quando pode.

— E's um livro fechado. Não o posso ler. Teu pae deita-se cedo?

— Não sei, deixo-me dormir ás Ave Marias.

— Como se chama teu pae?

— Joaquim.

— Não tem sobrenome?

— Tem sim, senhor: é Joaquim Gonçalves.

— Andas ha muito tempo na escola?

— Ha um anno.

— Foi teu pae quem te acompanhou pela primeira vez á escola?

— Não, senhor, foi minha mãe.

— Que vida quer tua mãe que sigas?

— Quer que eu aprenda para ser um homem.

— Um sapateiro?

— Se minha mãe não poder dar-me outro destino, serei sapateiro.

— Falas sempre em tua mãe; parece que teu pae pouco se importa com o teu futuro!

— E' que minha mãe é mais minha amiga.

— Mais amiga do que da Anniquinha?

— E' o mesmo. Minha mãe diz que no seu coração cabem muito bem os dois amores pelos dois filhos.

— E teu pae não diz o mesmo?

— Não sei, nunca lh'o ouvi.

— Querias então ser padre?

— Queria.

— Pois bem; estuda e eu te ajudarei.

— Isso é o que diz agora; mais tarde talvez não se lembre de tal.

— E's muito desconfiado!

— E' que sou muito pobre.

Este dialogo passou-se ha quatro annos. Hontem, casualmente, encontrei um dos professores e perguntei lhe pelo rapaz.

— Bem sei quem é. Elle quer ser padre. Espera que o auxiliem, mas ainda não me disse d'onde esperava o auxilio. E' muito estudioso, e, certamente, se não lhe faltar protecção, será um bom sacerdote. E' muito possivel que os leitores duvidem da genuidade das respostas

— Continuas a querer ser padre?
— Sim, senhor.
— E teu pae o que diz?
— Meu pae... morreu! Hoje somos apenas tres infelizes: minha mãe, eu e a minha Anniquinha.
— Pois estuda; felizmente a caridade ainda não voou de toda da terra. Alguma cousa se ha-de fazer em teu beneficio.
E vejam os meus leitores como este rapaz continua mantendo as suas velhas esperanças e os seus intensos desejos em querer prestar serviços aos seus. Saibam mais que é elle hoje quem ajuda sua pobre mãe e irmã, nos intervalos das horas do estudo. Leio n'aquella boa alma que virá a ser um bom filho. *A. O.*

NOTICIARIO

Notas da carteira.— Com muita felicidade, o que sinceramente estimamos, deu á luz uma robusta creança do sexo feminino, na segunda feira ultima, a sr.ª D. Maria Amelia da Cunha Machado, virtuosa esposa do nosso presado amigo, sr. João de Moraes Machado. As nossas felicitações a suas ex.as, e os nossos votos pela felicidade da neophita.

— Faz ámanhã annos a sr.ª D. Maria José de Vilhena Magalhães, interessante filha do nosso querido amigo e collega, sr. dr. Barbosa de Magalhães, a quem felicitamos.

—Continúa detido no leito o sr. Miguel d'Araujo, pois que lhe sobreveio uma punemonia, posto que benigna.

Dia d'annos.—Precedendo as linhas que seguem, diz-nos o *Tribuno Popular* de 27:

Passa hoje o anniversario natalicio da ex.ma sr.ª D. Maria Jose de Mello Giraldes, gentilissima filha do nosso presado amigo o sr. conselheiro dr. Manuel Nunes Giraldes. Pelo seu dia de annos felicitamos cordealmente a sympathica e distincta senhora, que pela sua fina educação e primorosos dotes de espirito, em que sobresae uma bondade e modestia encantadoras, é o enlevo dos queridos paes que a estremecem, como o de quantos tem a honra de a conhecer e apreciar. A toda a illustre familia Giraldes os nossos parabens.

Acompanhando o nosso presado collega de Coimbra na exposição que faz dos meritos da ex.ma filha do distincto lente, a quem a instrucção tanto deve, limitamos-nos a confirmar o que com tanta justiça se diz da illustre filha do nosso distinctissimo amigo sr. dr. Manuel Nunes Geraldes. Que tão virtuosa familia continue a gosar as ventoras de que é digna é o nosso desejo e sel-o-ha decerto o de todos os seus respeitadores e amigos.

Bom exame.— Entre os concorrentes a exames feitos no Lyceu d'esta cidade, distinguiu-se bastante, pelas auctorisadas informações que recebemos, o menino Francisoo Antonio de Moura e Paiva, filho do nosso muito presado amigo sr. dr. Urbano Castanheira de Paiva. Com tanto aproveitamento tem estudado o intelligente estudante, que espera fazer ainda este anno exame de portuguez. Verdadeiros amigos de seu honrado pae, sentimos prazer em poder dar esta, para nós, tão agradavel noticia.

— Tambem hontem fez um bonito exame de admissão, o menino João da Naia Miranda, filho do nosso amigo sr. José Maria da Naia, conceituado negociante da nossa praça. Felicitamos d'aqui o joven estudante, assim como seus bons paes.

Fallecimento.—Falleceu na sua casa de Cedrim o sr. dr. Christovam Soares Gomes Feijão, um octagenario respeitabilissimo, que deixa na terra um nome venerado. O finado nasceu em setembro de 1813 na quinta do Valcensse, freguezia de Ribeiradio, do concelho de Oliveira de Frades, e era filho do sempre lembrado sr. José Fernandes Gomes, cirurgião da antiga escola. Destinaram-no seus paes para seguir a vida ecclesiastica, porém as luctas politicas obrigaram-no a interromper esta carreira, indo mais tarde frequentar a escola medica do Porto, cujos estudos concluiu brilhantemente a 7 d'agosto de 1845. Obteve, tanto n'esta escola como na Polytechnica, os primeiros premios pecuniarios e honorificos, que o fizeram considerar como um dos primeiros estudantes do seu tempo. Era um bello caracter e um modelo de virtudes, que o tornaram querido do povo, que elle tratava quasi sempre gratuitamente, e de quantos o conheciam. Desprendido de humanas vaidades, preferiu a clinica d'aldeia á brilhante carreira de lente a que tinha todo o direito. Foi medico de um dos partidos municipaes de Tondella por mais de 10 annos e ahi conquistou, como medico e como cidadão, a consideração que o seu talento e caracter exigiam. O seu tacto medico e o seu talento tornou-se proverbial alli, em Sever e suburbios, onde elle passou o resto da vida, praticando o bem e a virtude sem os menores vislumbres de vaidade ou ostentação, que realmente podia ter. Succumbiu victima dos estragos d'uma bronchite chronica.

O illustre finado era irmão de um dos cavalheiros mais respeitaveis que os concelhos do nascente do districto teem produzido—o nosso nunca esquecido amigo sr. dr. Alexandre Soares Gomes Feijão, cavalheiro de excellente caracter e de apreciaveis virtudes.

Acompanhando os illustres doridos, sua ex.ma cunhada e seu illustre sobrinho na dôr que os punge, cumprimos dever de amisade a que não sabemos faltar.

Partida.—Seguiu hontem no correio da noute para Lisboa o digno chefe dos serviços telegrapho-postaes d'este districto, o sr. Eduardo Serrão. E' de presumir, suppomos nós, que a sua ida á capital se prenda com o caso da carta registada, que desappareceu, na sua devolução de Pecegueiro para o Porto. E' o que supomos.

Senhora das Dores. — Como era de d'esperar, esteve imponente e sumptuosa a festividade de aquella Virgem no templo das Carmelitas, apresentando uma ornamentação brilhante. A missa, executada pela orquestra, composta pelos socios da phylarmonica *Amizade*, foi muito bem executada, e os dois sermões pregados pelo distinctissimo orador, o rev.º sr. conego José d'Almeida Martins, de Vizeu, foram admiraveis de eloquencia e firmeza de opiniões, subjugando completamente pela belleza das imagens, e pela força das conclusões logicas, o numeroso auditorio, que estava preso de seus labios, quentes pela inspiração christã. O sr. Martins é um propaganista catholico de grande força, e honra o pulpito portuguez.

O mez de Maria.—Começaram hontem pela conveniente preparação as devotas praticas d'aquelle mez, consagrado ao Santissimo Coração de Maria, na egreja do extincto convento de Jesus, pelas 6 e meia horas da tarde. Estes edificantes exercicios religiosos, que ha muitos annos se celebram n'aquelle formoso templo, são acompanhados a canto e orgão pelas piedosas e distinctas professoras do conceituado collegio de Santa Joanna, e são sempre muito concorridas de fieis. Aos domingos ha tambem alli exposição do Santissimo, assim como a houve hontem, por ser o dia em que a Egreja reza da Santa Catharina de Sena, protectora da ordem dominicana.

Festividade em Arouca.—Nos proximos dias 4 e 5 do corrente festeja-se n'aquella villa a Rainha Santa Malfada. Tem vespera ruidosa com duas phylarmonicas, vistosa illuminação e muito fogo. No dia missa solemne a grande instrumental pela orchestra d'Arouca, no magestoso templo da extincto convento, que se apresentará ricamente armado, destacando-se sobretudo o altar em que repousa no seu tumulo a excelsa e gloriosissima Santa; e sermão pelo iminente orador sagrado, o revd.º sr. Mótta Macedo, do Porto. De tarde haverá tambem sermão pelo mesmo orador, sahindo em seguida a gradiosa procissão, na qual se incorporarão, alem da Real Irmandade da Santa, outros do mesmo concelho. Espera-se alli grande concorrencia, pois é festividade de muita fama.

Theatro Aveirense.—Em beneficio da *Phylarmonica Aveirense*, effectuou-se na noite de domingo ultimo a annunciada recita da applaudida *Troupe Dramatica Aveirense*, subindo á scena as conhecidas comedias *Coroa de louro* e *Casa de Babel*, que foram interpretadas por forma a merecerem os applausos da plateia. A *troupe* tem rapazes de aptidão, que com outra escola podiam dar artistas de merecimento. Não a têem aqui, onde, para grangearem os meios necessarios á existencia sacrificam a natural vocação e a louvavel vontade que os domina. Vão, porém, mais longe do que seria para esperar, e assim foi que nos impressionou bem o desempenho de Julio, no papel de *Paternick*, e de Camillo Vieira, no de *Simão*.

A estreia de Gabriella de Pinho, foi applaudida com justiça. Disse por vezes com felicidade, agradando.

O theatro estava festivamente decorado, e *an grand complet* de espectadores. Houve chamadas especiaes, coroas, *bouquets*, etc., terminando o espectaculo pouco depois da 1 hora da manhã. O hymno offerecido á *Phylarmonica Aveirense* pelo sr. J. Coelho, é uma bonita composição.

Acto generoso. — Sob esta epigraphe um collega nosso de Setubal escreve o seguinte:

O sr. Antonio José Baptista offereceu á Misericordia d'esta cidade 25 pulsas de madeira, no valor aproximado a 40$000 réis, pulsas que havia emprestado para as festividades da Semana Santa. E' mais um acto dos que honram o caracter generoso do sr. Antonio José Baptista.

Effectivamente são muitos os beneficios feitos pelo honrado presidente da camara d'aquella cidade á terra em que vive. O sr. Baptista tem por isso em Setubal as mais geraes sympathias e ha de saber conserval-as, porque em actos de patriotismo e de verdadeira caridade o seu espirito não cança.

Audiencias geraes.—Começaram hontem, como noticámos sob a presidencia do sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa, digno juiz substituto d'esta comarca. Foi julgada a ré Maria Rosa da Conceição, accusada pelo M. P. do crime de infanticidio, caso succedido ha mezes n'um pinhal d'Esgueira, e que aqui relatámos. Confessou o nefando crime, e por isso foi condemnada, por ser ainda menos, a 4 annos de prisão cellular, e na alternativa a 6 de degredo em Africa.

Attenção. — Chamamos a dos srs. empreiteiros d'obras para o annuncio que publicamos na 4.ª pagina e que é respectivo á obra aliás importante que a zelosa vereação da Mealhada vae emprehender, e para levar a effeito a qual está sobejamente habilitada. E' uma obra que dá nome aos seus emprehendedores, e que prova quanto aquelle concelho tem direito, como nenhum outro mais, á sua authonomia.

Variola.—Felizmente o caso do homem, que estava em tratamento, no antigo quartel de Santo Antonio, não era tão temeroso, como parecia a alguns espiritos meticulosos, pois elle apenas tem sarampo. Ainda bem, para elle e para a... cidade.

Matadouro municipal.—No mez findo consumiu a cidade 15:196 kilos de carne, sendo 1:864 de boi; 12:654 de vacca; 273 de vitello; 252 de vitella; 114 de carneiro; e 39 de cabrito, 140 rezes ao todo. O rendimento para o municipio foi de 217$050 réis.

Seminario de Beja.— O conego em conflicto com o sr. bispo de Beja, conego de quem fallaram os jornaes da capital, era o sr. commendador dr. José Mendes Lima, o qual já foi demittido pelo governo do logar de professor de sciencias ecclesiasticas no seminario diocesano.

Almanach «João de Deus.—O nosso estimavel collega *O Progresso do Sul* vae encetar a composição de um almanak illustrado, para o futuro anno de 1896, com destino a Portugal e Brazil, e que terá por titulo o nome do grande poeta. Creando este livro, que continuará nos annos seguinte, tem a esclarecida folha algarvia em vista produzir uma recordação grata da homenagem que a mocidade academica e a imprensa jornalistica acabam de render ao cantor do *campo de flores*. Este trabalho será, com a instituição d'uma bibliotheca publica na capital da provincia do Algarve, objecto a que o illustre redactor do *Progresso do Sul* está dedicando todos os seus esforços. Para esta obra, espera o collega a coadjuvação valiosa dos seus leitores, que são muitos e que não deixarão de corresponder ao emprehendimento com a merecida aquiescencia. Desde já se recebem n'aquella redacção os escriptos destinados ao *Almanak João de Deus*, e bem assim annuncios para n'elle serem incluidos, enfeitados ou simples, por preços modicos.

Mez de Maio. — Entra hoje o mez mais poetico da primavera, pois se denomina o mez—das flôres, em que ellas florescem bellas e mimosas, pelos jardins e pelos prados.

Trabalho de pesca.— Houve já trabalho não effectivo mas trabalho de experimentar o mar—como dizem os pescadores. Foi em Espinho, no Furadouro e na Costa Nova que algumas companhas trabalharam, e com successo ainda assim porque já houve lanços de 100$000 e de 150$000 réis, sendo a pesca sardinha rasoavel, que no mercado obteve o preço de 3$000 réis o milheiro a maior, e de 1$500 a mais miúda. Trabalho effectivo para todas as companhas só o haverá depois do dia 20. Hontem o mar não permittiu o serviço.

Mercados de gado. — Tem agora tido mais procura o gado de carne e como tem mais procura tem mais valor é certo. Entretanto os preços não tem cotação superior, são rasoaveis porque todos querem vender, visto que a falta de pastagens é como nunca a houve maior.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

Presbytero Antonio José Boavida, bacharel formado em theologia e arcipreste da Sé patriarchal de Lisboa, promovido á dignidade de deão da mesma Sé.

Presbytero Joaquim da Silva Serrano, parocho collado na egreja de N. S. da Misericordia de Bellas, do patriarchado, apresentado n'um canonicato da Sé patriarchal de Lisboa.

Presbytero José Marianno Brazil Borba, apresentado na egreja parochial de Santo Antão, do concelho de Calheta, diocese de Angra.

Acceita ao presbytero Pedro José de Freitas, parocho collado da egreja de Santa Maria da Granja, diocese de Braga, a desistencia da egreja de Santa Marinha de Villa Verde, do concelho de Alijó, diocese de Lamego.

Presbytero Julio Cezar Augusto Barbosa, apresentado em um dos canonicatos vagos na Sé cathedral da diocese do Algarve.

Presbytero Manuel Bernardo Cardoso Botelho Furtado, apresentado em um dos canonicatos vagos na Sé cathedral da diocese do Algarve.

CARTA DE LISBOA

30 D'ABRIL DE 1895.

(D'outro correspondente.)

As *Novidades* continuam no seu *bom serviço* de pretender indispôr o Rei contra o partido progressista. Pagam-lhe bem e ellas vão cegamente no seu caminho. Agora diz que o governo não pode cair porque não ha partido legal que o substitua, pois que o partido progressista não existe emquanto durar a sua ligação com o partido republicano. Sempre sempre a infamia e a torpeza a *puchar* d'aquelle lado. «O partido progressista é constitucionalmente inhabil para governar emquanto não quebrar formalmente a colligação hybrida que celebrou com os inimigos jurados do Rei e das instituições monarchicas.» Isto dito pelo sr. Emygdio Navarro, contra o partido a quem tudo deve, e que elle lhe pagou comprettendo-o gravemente, teria graça se não causasse nojo.

— Um collega d'aqui, dos mais bem informados, fallando da crise e da critica situação do governo, diz:

«As folhas ministeriaes desmentem os boatos de crise ministerial, mas as da opposição insistem n'elles cada vez com mais pertinacia. Temos procurado saber de que lado está a verdade, e, no que pese aos amigos do governo, as informações colhidas fallam-nos de crise aguda devida a causas diversas. Que o governo está ameaçado de ruina, não ha duvida. Nem podia deixar de ser assim, desde que já houve ensejo para convidar o sr. Barjona de Freitas para herdeiro da situação. O antigo chefe da Esquerda Dynastica recusou terminantemente a honra ou a tarefa, cousa que muito agradavel foi aos amigos do sr. Dias Ferreira. Comtudo, a causa publicavel da proxima substituição do governo é a doença do sr. João Franco, que os negocios publicos teem aggravado a ponto de inquietar a familia, que deseja obrigal-o a ferias no trabalho da governação. Tambem se falla nos negocios do Nyassa, que, pelo silencio das folhas regeneradoras, devem ser muito graves. A proposito contam-se coisas violentas do sr. ministro da marinha contra os seus collegas, que muito desejam desembaraçar-se d'elle, mas que não é provavel que o consigam senão desembaraçando tambem o paiz d'este estupendo governo.

Emfim, os acontecimentos de Lourenço Marques tambem começam a tomar uma feição mais séria. A empreza de vencer o Gungunhama não é das mais faceis e a lucta que vae travar-se com decisão é d'aquellas que pódem acarretar-nos sérios desgostos. Tanto o governo suppõe que terá ainda de fazer grandes sacrificios de dinheiro e de vidas, que até já se pensa em mandar para Cabo Verde um batalhão, como força de reserva, mais proxima do theatro da guerra. Como se vê—um presente sombrio e um futuro ameaçador é o que temos, graças aos primores administrativos e politicos d'estas instituições que prescindem do parlamento.»

— Da *harmonia* que existe entre o ministro da marinha e os seus collegas dá-nos conhecimento a seguinte curiosa passagem:

Tendo o sr. Ferreira d'Almeida despachado um pretendente, por quem se interessava o dictador do ministerio do reino, foi o homem ao gabinete do sr. ministro agradecer-lhe a nomeação, dizendo-lhe: «Já procurei o sr. João Franco, a quem manifestei o meu reconhecimento pela sua protecção.» O ministro da marinha, franzindo o sobrolho, perguntou: «Foi então v. agradecer ao sr. João Franco o seu despacho?» O homem muito humilde e tremulo: «Como v. ex.ª comprehende, o sr. João Franco teve a bondade de me fazer despachar...». Um toque violento de campainha seguiu-se a estas palavras. Minutos depois chegava o despacho, e o sr. Ferreira d'Almeida, furioso, dizia: «Pois vá agora participar isto ao sr. João Franco!» E fez o despacho em mil pedaços!

E viva a santa harmonia governamental! —diz um collega nosso.

— Faz ámanhã annos uma das damas mais respeitaveis da antiga aristocracia portugueza a Senhora Marqueza de Penalva. Que Deus prolongue ainda por muitos annos tão preciosa existencia, é o que pedem todos aquelles de quem é amparo, e este numero é grande, pois que os beneficios que pratica alcançam muitos centenares de precisados.

— Parece ser ponto assente entre os homens da governação não haver mais eleições emquanto o partido progressista se não resolver a acceitar o ukase eleitoral, dispondo-se por conseguinte a ir á urna. Pois se esperam por isso enganam-se completamente, porque o partido liberal não acceitará nunca a actual lei. Acto que dimana de uma dictadura, cuja legalidade não reconhece o partido progressista, tem a hombridade precisa para repellir de si tudo o que fôr menos digno. Mas como é que esta gente pensa que pode levar as cousas a este extremo?

— Prepara-se uma recepção imponente ao sr. Assis Brazil, na sua proxima chegada a Lisboa. Para solemnisar tanto quanto possivel o acto, constituiu-se uma commissão composta dos srs. Brito Aranha, presidente; conselheiro Custodio Borja, vice-presidente; Alves Corrêa e visconde de S. Boaventura, secretarios; Caetano Ferreira, thesoureiro; e os vogaes srs. visconde de Melicio, Alberto Pimentel, Anselmo de Andrade, Jayme Victor, T. Monteiro Guimarães e Magalhães Lima. A commissão conta já com a adhesão de muitos cavalheiros e continua a reunir todas as noites nas salas do *Correio da Manhã*, para onde devem ser dirigidas todas as communicações.

— O sr. Augusto Ribeiro foi encarregado de exercer interinamente, por impedimento do sr. conselheiro José Cavalleiro o logar de 1.º official chefe da 6.ª repartição do ultramar. Se houvesse justiça n'este paiz, aquelle distincto funccionario estaria ha muito director de repartição, pois que para isso lhe sobram habilitações e direitos.

— O *Diario do Governo* de hontem publica o decreto que reduz os direitos dos nossos vinhos na Africa. Era uma medida necessaria em vista da corrente que vão tendo os vinhos hespanhoes, não só para alli mas para toda a parte, facto que affronta sensivelmente o consumo das nossas producções. O decreto é o que segue:

Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º São provisoriamente reduzidas a 10 réis por decalitro as taxas dos direitos de importação dos vinhos nacionaes communs ou ordinarios e licores, e vinagre de vinho em cascos, nas alfandegas das provincias ultramarinas da Africa.

Art. 2.º As taxas geraes estabelecidas nas pautas ultramarinas da Africa para os vinhos communs ou licorosos, e vinagre, em cascos e bem assim para a cerveja, cidra e outras bebidas fermentadas não mencionadas nas ditas pautas, são accrescidas de 300 réis, com excepção para os importados na allandega da ilha de S. Thomé.

Art. 3.º As taxas estabelecidas nas pautas das alfandegas de Loanda, Benguella, Mossamedes, e nas de Moçambique, Cabo Verde e S. Thomé são accrescidas de 50 por cento para as aguardentes simples inferiores a 24 graus Cartier, para o alcool e aguardente simples superior áquella graduação, e para as aguardentes preparadas, cognacs, genebras, licores e outras bebidas distilladas ou aguardentadas, quer estrangeiras, quer nacionalisadas, consignadas nas respectivas pautas.

§ 1.º O beneficio differencial de que gosam os productos de proveniencia nacional consignados n'este artigo, continua a ser contado sobre as taxas anteriores não accrescidas do addicional agora fixado.

§ 2.º E' prohibida a importação pelas alfandegas ultramarinas, a que se refere este artigo, de quaesquer productos estrangeiros ou nacionalisados com destino ou applicação a distillação de aguardente ou alcool de qualquer graduação.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, e os ministros e secretarios d'estado das outras repartições, assim o tenham entendido e façam executar.

— Pelo ministerio da justiça foram transmittidos os despachos necessarios para que os presbyteros José Damião da Gama Fonseca e Sá e José dos Santos Arnaut recebam as suas pensões de aposentação, o primeiro pela recebedoria da comarca de Moimenta da Beira e o segundo pela de Penella.

— Vae ser transferido para a Guarda um escrivão de direito de Fozcoa.

— Falleceu hoje aqui o sr. José Maria da Costa, desembargador da relação de Lisboa, antigo deputado e antigo par electivo. Não era velho e era um magistrado intelligente e recto.

— O dia d'amanhã é o da festa dos operarios; espera-se que passe em paz.

— Vae ser transferido o sub-delegado do julgado municipal de Vimioso.

—O sr. Joaquim José de Cerqueira, illustre filho de Vianna, escreveu d'aqui ao sr. Meira, distincto medico n'aquella cidade, auctorisando-o a receitar para a pharmacia Duarte todos os medicamentos que necessarios fossem para a cura dos variolosos necessitados. Sempre grande, sempre patriotico, sempre caritativo.

— O soldado n.º 198 da guarda fiscal tentou ferir com um tiro um cabo que o reprehendera. Levado á presença do capitão tentou ferir este com o sabre. Não conseguiu os seus intentos, sendo desarmado e preso. Vae ser submettido a conselho de guerra.

Z.

CARTA DE COIMBRA

29 DE ABRIL DE 1895.

— O centro progressista d'aqui, reunido hontem em grande assembleia, designou os cavalheiros que hão-de comparecer na grande reunião do dia 5, e são elles os srs. drs. Bernardo de Albuquerque e Fernandes Vaz, lentes de direito; Antonio de Vasconcellos, lente de theologia; Oliveira Mattos, escriptor e quarenta maior contribuinte; Antonio Arcosa e Miguel da Costa Braga, negociantes e industriaes. Em favor da abstenção discursaram os srs. drs. Pedro Monteiro, Costa e Almeida, Bernardo d'Albuquerque, Dias da Silva e Oliveira Mattos. Em sentido contrario nem uma voz se levantou.

E' por conseguinte a abstenção o que alli terão de votar os nossos delegados, e procedendo assim satisfazem apenas á vontade geral do partido. Pela dissolução não votará ninguem.

— Espera-se aqui proximamente o nosso grande poeta João de Deus. Como a academia o receberá é facil imaginar. Parece que é d'aqui que seguirá para o Algarve, onde vae talvez fixar por algum tempo a sua residencia.

— A partida dos nossos delegados verifica-se no sabbado á noite.

— Os trabalhos agricolas teem-se agora desenvolvido muito, pois que o tempo corre-lhe propiciamente.

— No dia 22 é posto ponto na faculdade de direito.

F.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São graves as noticias que chegam de Cuba. Segundo annuncia um telegramma de Havana, as guerrilhas cubanas, commandadas pelos cabecilhas Maceo e Grarzon, derrotaram as tropas hespanholas do commando do general Salcedo, infligindo-lhes grandes perdas em mortos, feridos e prisioneiros. Martinez Campos pede grandes reforços para suffocar a insurreição.

Em França succedeu uma grande desgraça. Dão-nos noticia d'ella os seguintes telegrammas:

Epinal, 27, n.—As aguas do reservatorio de Bousey vieram lançar-se no Moselle, em Nomexy e Châtel, que ficam a uns 15 kilometros d'esta cidade. Os estragos são avaliados em 50 milhões de francos, e o numero das victimas passa de 50.

Epinal, 28, t.—O numero das victimas da catastrophe passa actualmente de 100. Chegaram os representantes dos poderes publicos.

Paris, 28, t.—O sr. Leygues, ministro do interior, parte esta noute para Epinal afim de distribuir soccorros ás victimas da catastrophe de Bousey. O sr. Dupuy-Dutemps, ministro das obras publicas, que está actualmente em Toulon, vae tambem a Bousey.

Sevilha, 29 de abril.—O estado de saude do duque de Orléans é satisfactorio. Não lhe sobreveio complicação alguma.

CICLES «IMPERATOR»—Dugour & C.ª, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS
LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA
85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO
LISBOA

ANNUNCIOS

EDITOS DE 30 DIAS

NA comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão do 2.º officio—Barbosa de Magalhães—, no inventario officioso a que se procede por fallecimento de Bonifacia de Jezus, moradora, que foi, em Arada, e em que é cabeça de casal Anna de Jezus Barthola, do mesmo logar, correm editos de trinta dias a contar da publicação do ultimo annuncio, citando o co herdeiro ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, de nome Joaquim Bertholo, casado com Rosa Carvalho, residente no dito logar d'Arada, para todos os termos do mesmo inventario, até final.

Aveiro, 6 d'abril de 1895.

Verifiquei.—O juiz de direito,
Eduardo da Costa e Almeida.

O escrivão do 2.º officio,
Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

OBRA IMPORTANTE

A Camara Municipal do concelho da Mealhada faz publico que no dia 19 do proximo mez de maio, pelas dez horas da manhã, e na sala das suas sessões dará de arrematação, por empreitada geral, a construcção dos Paços do mesmo concelho.

A base da licitação, que será feita por proposta em carta fechada, é a quantia de 9:855$000 réis, e o deposito provisorio de 250$000 réis, sendo o definitivo de quatro p. c. do preço da adjudicação, podendo este ser substituido por fiança idonea.

O programma do concurso, as condições, peças escriptas e desenhos do projecto, detalhes da construcção e cadernos de encargos, estarão patentes na secretaria da Camara todos os dias, não santificados, desde as dez horas da manhã ás duas da tarde.

Mealhada, 27 de abril de 1895.

O vice-presidente da Camara,
José Fernandes Seabra.

LOTERIA

SEGUNDO o regulamento, os compradores de 10 bilhetes inteiros teem uma commissão de 3 %. Os cambistas e vendedores ambulantes teem uma commissão de 2 % quando comprem menos de 10 bilhetes inteiros.

Dos bilhetes não se poderão abrir cautelas superiores a 80 % das fracções originaes nem inferiores a 50 réis.

Como medida policial incumbida á Santa Casa as cautelas serão selladas com um carimbo especial, **carimbo que não garante o pagamento da cautela**, mas só indica que o bilhete não foi aberto em maior numero de cautelas do que aquellas que comportava.

Os bilhetes ficam depositados na Santa Casa, só até o dia de extracção, servindo á repartição do carimbo como documento que comprova a sua subdivisão.

O pagamento do premio maior effectua-se no proprio dia da extracção, e os outros premios nos dias seguintes.

O pagamento das cautelas premiadas é exclusivamente da responsabilidade do cambista emissor.

Lisboa, 25 d'abril de 1895.

O secretario,
José Murinello,

ATTENÇÃO

ANTONIO Mendes Diniz Fragoso Belem, participa aos seus numerosos freguezes que chegaram ao seu estabelecimento os seguintes artigos:

Manteiga ingleza, 1.ª qualidade.
Chá Hyson, 1.ª qualidade.
Peixe sortido, em latas.
Champagne, cognac, genebra e vinhos do Porto da antiga e acreditada casa Ayres & Filhos.
Bacalhau Noruega.
Grande e variado sortido de amendôas e outros artigos adequados á presente epoca.
Preços sem competencia.

LARGO DA PRAÇA
CEIA

PULVERISADORES
CALDA BORDALEZA EM PO'
SULFOSTEATITE
ENXOFRE CUPRICO

VENDE-SE tudo garantido, por preços commodos, na loja de Manuel Maria Amador em
Alquerubim

MANTEIGA NACIONAL
FABRICA
EM
PRAIA D'ANCORA
EMPREZA
CANNAS AFFONSO & C.ª

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de laticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flôres, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a
Cannas Affonso & C.ª
PRAIA D'ANCORA

GRANDE DEPOSITO
DE
SULPHATO DE COBRE E PULVERISADORES

J. D. Sereno & Filho, de Bustos, com deposito em Oliveira do Bairro, importaram directamente de Inglaterra e França, uma grande quantidade de barricas de sulphato de cobre de primeira qualidade, garantido, com 99 e 3/4 0/0 de sulphato puro, como do certificado de analyse; e pulverisadores—Excelcior—de Gobet—o que ha de melhor, mais seguro e mais perfeito, que vendem ao junto e para revender, a preços sem competencia.

Recebem encommendas directamente, que satisfazem de prompto para todo o paiz.

CARRO MELORDE

VENDE-SE um de 4 rodas com fole de verniz da Russia, tem 4 ogaces dentro e 2 fóra com duas cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Lotorete, do Porto. Quem o pretender pode dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas—Estarreja.

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario
José Murinello.

CHA' PURGATIVO
(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, TISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL
126, Rua Aurea, 128
LISBOA

UMA BELLA NOVIDADE LITTERARIA

SERÕES & SÉSTAS
Revista das Familias, illustrada
ENCYCLOPEDIA POPULAR DA VIDA PRATICA
Cada numero, semanal, de 32 paginas, nitidamente impressas, 40 réis

Como *Brinde* aos seus assignantes, esta revista offerece volumes de romance, em separado, illustrados primorosamente, sendo o primeiro a apparecer um inedito de TRINDADE COELHO, expressamente escripto para a nossa revista, no genero delicado, tão querido, dos lindos contos *Os Meus Amores*.

Empreza dos *Serões & Séstas*, rua Nova do Loureiro, 25—Lisboa.

GRANDES ARMAZENS DE MODAS
SOUSA BRAGA
24—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—30
PORTO

Acaba de receber de Paris todo o sortido de novidade para a estação de verão

Sedas de todas as qualidades para vestidos e guarnições.
Tecidos de lã e córtes para vestidos, alta phantasia.
Grande novidade em tecidos d'algodão para vestidos.
Grande novidade em tecidos lisos para vestidos.
O mais completo sortimento de confecções em renda de seda e em pannos para senhora, ultimos modelos dos principaes ateliers de Paris.

MELANGE

Tecido de lã muitissimo superior, em diversas côres, a 5$000 réis o córte de vestido com 7 metros.

Setim, novidade da estação, côres variadas e lindissimas, a 5$500 réis o córte de vestido.

(Estes tecidos são recommendaveis pela sua superioridade e pela muita novidade que offerecem).

Beije e diagonal de lã de todas as côres, a 4$000 réis o córte de vestido.
Voiles de lã estampados da mais fina qualidade, a 450 réis o metro.
Grande sortimento e grande variedade de tecidos em côres claras.
Lindissima collecção de marquesinhas, verdadeira novidade.

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS
DE
PRAÇA & FILHOS
PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM
BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING
MATAM
PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL
MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA
Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.